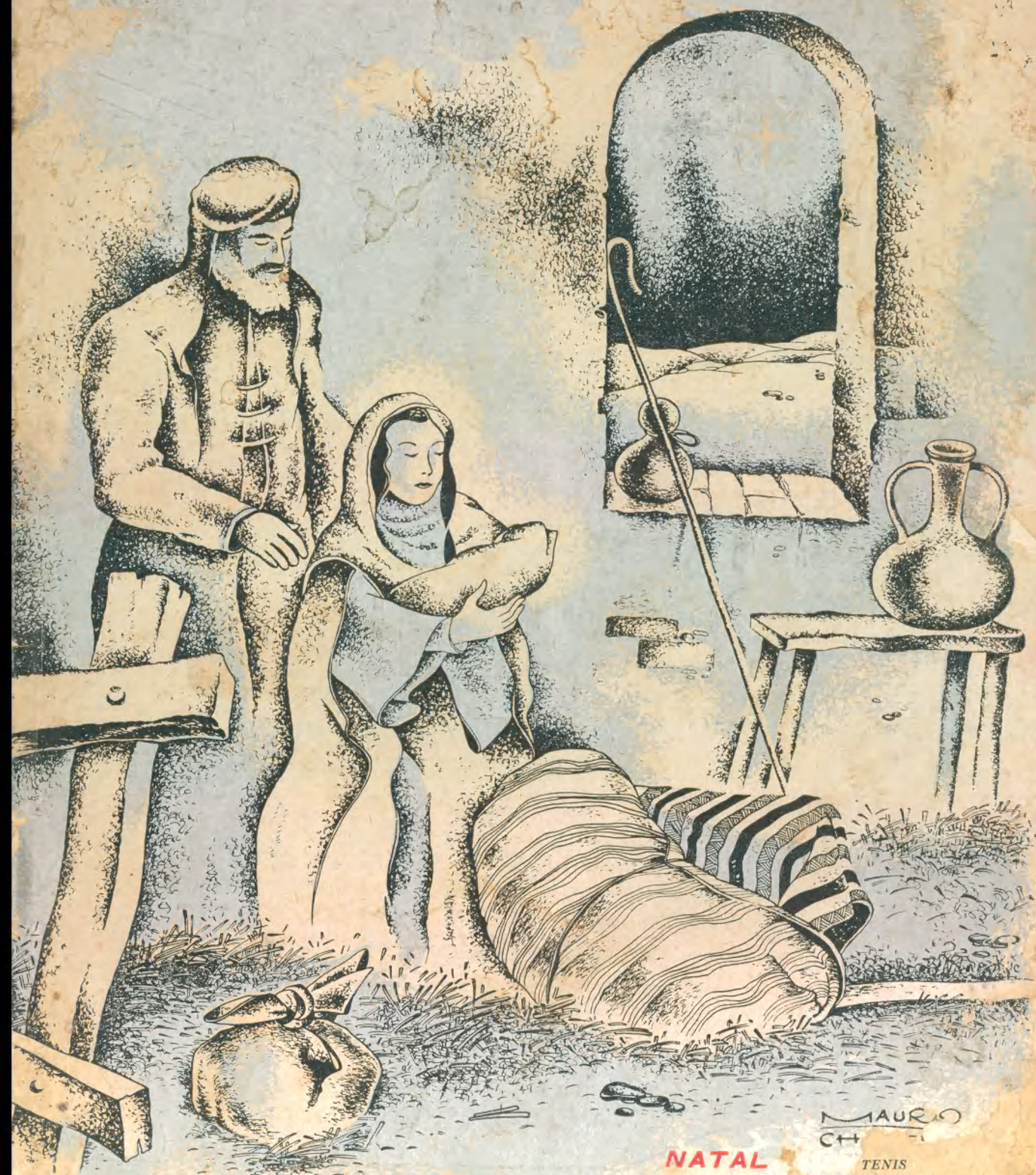


Mina & Tenis



Preço - Cr\$2,00

NATAL
ANO B

TENIS

RÁDIOS

das melhores marcas



Discos nacionais e
importados

- VICTOR
- ODEON
- COLUMBIA
- CONTINENTAL



Radio - Vitrolas
Toca discos
Vitrolas portateis



Accessorios para Ra-
dios — Oficina para
consertos e reformas
de rádios e vitrólas



Um verdadeiro
COLCHÃO DE MOLAS
VENTILADO



COLCHÃO
AMERICANO

MOLAS DE AÇO DE TEMPERA

ESPECIAL - GARANTIDA

POR 10 ANOS

Pilot



Pilot

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO:

LOJA PILOT

RUA TUPINAMBÁS, 504

FONE: 2-5358 — CAIXA POSTAL 551

End. Tel. PILOT — BELO HORIZONTE

C. 171 T-001
1944-12-00
Revista nº 5

O CONTO *Moderna*



BRIGA DE GALOS

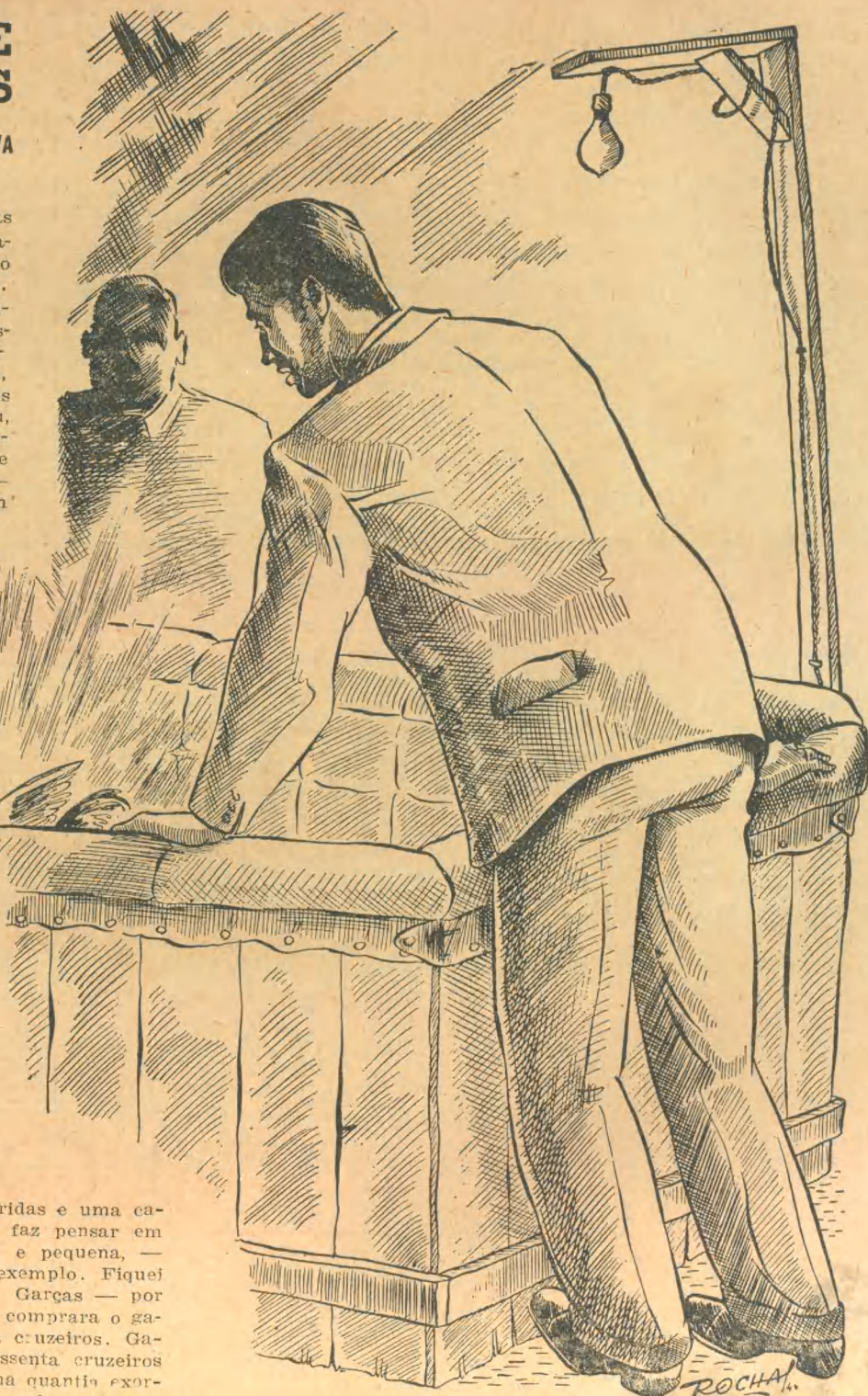
MÁRIO GARCIA DE PAIVA

FAZ exatamente três dias que Napoleão — o galo índio — brigou com o Prata — outro galo índio. Estive agora no galinheiro a vê-lo. Está num estado lastimável. Equimoses na crista, na cabeça, no corpo falho de penas (quando a luz se apagou, lá na Rinha-do-Café, alguém — provavelmente um dos refrescadores — quebrou-lhe o bico). Um

dos olhos, inchado, entumecido. Pobre Napoleão... Amanhã Manoel das Garças o levará de novo para São F.delis.

I I

Veio de Pádua passar uns dias em Campos e trouxe um galo de briga. Olhando para ele, a gente vê uns sapatões muito grandes, umas pernas desmedidamente compridas e uma canecinha de nada que nos faz pensar em qualquer coisa redonda e pequena, — num coco da Bahia, por exemplo. Fiquei sabendo que Manuel das Garças — por esse nome o chamamos — comprara o galo em Pádua, por sessenta cruzeiros. Galo novo, quase frango. Sessenta cruzeiros por um frango deve ser uma quantia exorbitante, mas Manuel viu o galo num cur-



ROCHA

to "pega". Não estou bem certo, mas é possível que tenha vindo a Campos com o único fito de estreitar o galo.

— Já assistiu a briga de galos?

— Nunca.

— O meu galinho luta amanhã.

Ora, pois vamos ver a luta então. Dura muito tempo? E' dividida em "rounds", com certeza? Pode-se dar um empate? E se um deles morre? Ah, fazem-se apostas!...

— O galo tem nome?

— Não. Estou mesmo querendo pôr um nome nele. O nome dum sujeito peitudo, de qualquer cabra valente. Quem sabe você quer batizar o meu galo?

O nome acudiu-me logo:

— Napoleão!

— Napoleão? Na-po-le-ão. Nome batuta para um galo. Quem foi esse "cara"? Eu conheço esse nome, assim de ouvir falar, muito de longe ..

III

Descemos ao galinheiro, a ver o galo. Muita galinha e o galo índio do dono da pensão. Manuel das Garças retirou Napoleão da gaiola e soltou-o. Um galo extremamente sanguíneo, de pernas depenadas, cor de púrpura e crista escarlate. Rabo curto. Caminhou resolutamente para o índio da pensão. O índio veio resolutamente ao seu encontro. Estacaram, um diante do outro, ficaram a se namorar, pescoços esticados, olhos coléricos, bico a bico. E de repente, chi! bicada e mais bicada, esporadas, rasteiras, rodeios. Manuel apartou-os logo. Examinou o frango. Napoleão levava uma "chamada" no bico.

IV

Decidi-me a ir ver a luta-estrela de Napoleão. Sentia-me um tanto orgulhoso por ter dado nome ao galo. Manuel falava — o dia todo, a toda gente, com todo o ardor — de seu valente galinho Napoleão, que ia estracalhar um adversário na Rinha-do-Café. Vem, gente, vem ver meu galo lutar! Alguém deu o conselho de não se levar o galo à rinha. Galinho novo, sem tratamento, ain-

CARLOS

ALFAIATE

*

O DITADOR DA ELEGANCIA DO BAIRRO

*

RUA POUSO ALEGRE 1106

FLORESTA

BELO HORIZONTE

da frango. Manuel das Garças não topou discussão:

— Pois se eu trouxe o galo de longe, para isso!

— Escuta aqui. Napoleão.. aquelezinho... o tal... — já morreu faz muito tempo?

— Napoleão Bonaparte?

— Napoleão o quê?

— Bonaparte.

— Bonaparte... Bo-na-par-te... Vou pôr esse nome num galo que tenho em São Fidelis.

V

São quase oito horas da noite. Daqui a dez minutos — às oito em ponto — começará a luta. Somos cerca de quarenta brasileiros na Rinha-do-Café. Um meni no espalha areia na quadra. Fechando o "ring", há estofados de lona. Os espectadores se acomodam nas arquibancadas. Geralmente as lutas são combinadas na própria rinha. Quem quer que possua um galo e queira fazê-lo lutar, vem à rinha em determinados dias da semana e espera por um adversário. O de Napoleão já veio, transportado num caixote pintado de amarelo, feito a propósito. O homem que o trouxe — um mulato baixo, troncudo — combina com Manuel das Garças as condições da luta.

— Duzentos mil réis?

— Não. Cincoenta cruzeiros. O meu Prata tá decadente.

— Então cem mil réis!

— Cincoenta cruzeiros.
— Oitenta mil réis!
— Cincoenta cruzeiros.
— Chê, miserê! Cincoenta mil réis então.

Os galos são pesados numa balança de pratos, tipo comum, de armazém. Um velho apregoa para a assistência, com voz de trombone, fazendo pilhéria:

— NAPOLEÃO! Galo índio, natural de São Fidelis; vacinado! reservista! solteiro! não deve obrigação a ninguém! Pêso: Dois quilos, trezentas e setenta e cinco grammas!

— PRATA! Galo índio, cor de burro quando foge! Nascido, criado e crescido nesta cidade de Campos! Capitalista. Viuvo. Pêso: dois quilos, quatrocentas e quarenta e cinco grammas.

Os quarenta brasileiros falam por duzentos. Acompanham a pesagem, observam os galos e apontam o Prata como franco favorito. O adversário de Napoleão já é galo adulto, tem experiência de rinha e setenta grammas a seu favor.

— Napoleão tá precisando de milho! — grita uma voz colérica, lá no alto. — Isso não é galo pra rinha! Pinto! Se não há galo, não se faz luta!

Manuel das Garças bufa de raiva.

— Aposto cem cruzeiros no Prata, contra cincoenta — diz um homem muito bem vestido, terno de linho branco, engomado.

Ninguém tópa.

A luta terá a duração de duas horas, com intervalos de quinze em quinze minutos. Poderá ter do uma de duas hipóteses: primeira: um dos galos fugir ao adversário, — ou por outra: perder a tramontana, — ou, ainda, dar as de vila diogo. Segunda: um dos galos arribar, isto é: cair por terra; ou melhor: ser posto no caute. Se após o término do tempo-de-luta regulamentar — 120 minutos — nenhuma daquelas hipóteses tiver sobrevivido — independente da supremacia dum adversário sobre outro, o resultado será um empate.

Focados pela luz intensa de

PAPELARIA E TIPOGRAFIA BRASIL

LIVRARIA

Livros e materiais escolares para os cursos: Primario, Secundario, Normal, Comercial, Superior

VELLOSO & CIA. LTDA.

MATRIZ: AV. AFONSO PENA, 740

FONES: 2-2440 e 2-3217

OFICINA: RUA GUAJARAS N.º 1540

BELO HORIZONTE

Caixa Postal, 40 — End. Teleg. "VELOCON"

FILIAL: RUA DA BAIÁ N.º 932

FONE 2-4998

três lâmpadas de cem velas — Napoleão e o Prata são soltos na rinha. Os quarenta brasileiros observam, num instante de silêncio. Mal se avistam, os galos parecem reconhecer-se mutuamente como dois inimigos seculares. Caminham, um para o outro, estacam, se namoram, as penas dos respectivos pescocões arrepiadas, formando um anel. Bico a bico. O Prata é atingido por uma vante bicada e revida com uma esporada. Napoleão recua. De-
frontam-se novamente. Vendo-os assim, um diante do outro, torna-se claro o desfecho da luta. Napoleão será posto nocaute. Têm aparentemente a mesma altura — bico contra bico — mas o Prata parece ser duas vezes maior. Napoleão bica-lhe a crista, mas, upa! é levantado por uma rude esporada.

A assistência faz agora um grande alarido. Chovem as apostas. — 50 cruzeiros no Prata, contra 10! 20 contra 5, como Napoleão foge. 40 no Prata, contra 20! 100 no Prata, contra 40!

Apesar de todo esse otimismo pró Prata, Napoleão está revivendo o golpe contra golpe. Manuel das Garças espia, calado, encostado à lona, figura comprida, encurvada para a rinha. Agora Napoleão faz o Prata recuar até o canto, com bicada, bicada e mais bicada. Manuel das Garças explode:

— Vamos, Napoleão! Mais! Mais!

O galo parece distinguir a voz do dono. Fecha o bico na crista do Prata, que retruca com uma esporada. Napoleão sobe para o alto, mas torna a investir, e castiga o Prata, que vacila. Levanta-se um borborinho de admiração por parte dos assistentes.

— Éta galo biao pra lutá!

Corro o olhar pelas fisionomias que rodeiam a rinha. Rostos de feições rudes, — ali preto, — acolá trigueiro, — mais além barbagrande. Semblantes brasileiros de gente operária, trabalhadora. João, Argemiro, Elpidio, Pedro, Etelvino... Antônio... Uai, Izé, ocê tá aqui também!

Napoleão deve ter realizado alguma proeza, pois rompeu da assistência um alarido de risadas e aplausos, e Manuel das Garças deu de berrar, rindo também.

— Isso, Napoleão! Mais! Mais! Reina um silêncio atento, que o cavalheiro-da-boua-figura — o de terno de linho — aproveita para fazer a aposta:

— Cincoenta no Prata, contra vinte!

— Feito!

— Nome?

Casa especializada no artigo sanitário em geral

QUARTOS DE BANHO COLORIDOS
"TWYFORDS E STANDARD"
ARTIGOS ESMALTADOS ★ AZULEJOS

A Ceramica Ltda.

MOZAICOS E CERÂMICA

— AVENIDA PARANA', 38 — FONE 2-7236 —
BELO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS GERAIS

— Sousa!

O cavalheiro toma nota num caderninho. E se manifesta novamente:

— 40 contra 20, como Napoleão foge.

— Accio. — grita uma voz do outro lado. — Tonico!

A pouco e pouco Napoleão vai-se agigantando. Deixou de ser um frango. E um índio danado de valente. Apanha, mas bate também. Não vacila, nem quer saber de trégoas, esporadas, bicadas, bicadas, esporadas. Sempre insistindo, castigando. Aguenta firme — parece êle dizer — já que a coisa começou, vamos agir direito.

Não há superioridade de um adversário sobre outro. Napoleão

parece mais combativo e não vacila nunca no ataque — tem quase sempre a iniciativa. No entanto o outro continua a ser o favorito: é galo feito, experiente, manhoso, pesa mais, deve forçosamente vencer. O ardor combativo do "frango" vai esmorecer no momento oportuno. Fazem-se apostas, principalmente neste sentido: se Napoleão vai ou não fugir. O cavalheiro-da-boua-figura anota e anota no caderninho. Manuel das Garças, confiante no galo, aposta que "não correrá". Se debruça sobre a rinha e berra:

— Napoleão! Napoleão! Napoleão!

De repente, o panorama muda. O Prata cai de rijo sobre Napoleão, com uma brutalidade inaudita, insuspeitada; o franguinho cai, torna a se levantar, tenta se impor, mas torna a cair, e torna a se apumar — a cair novamente...

V I I

Quinze minutos de luta. Fim do primeiro assalto. Dois homens — os refrescadores — invadem a rinha e se ocupam dos galos. Expremem esponjas enxarcadas d'água sobre as cristas vermelhas: a do Prata sangra. Napoleão está incólume; depois de devidamente banhado, é posto na rinha; caminha de um a outro lado, valentemente, como que em busca "daquele patife", não dá por êle e — julgando talvez que o mesmo houvesse dado as de viladiogo — estufa o peito, empina a crista, levanta o bico e solta um cocorocó desafinado.

O'TICA

Artigos Fotográficos

Casa Faria

Av. Afonso Pena, 908

Telef. 2 - 1 2 0 3

Caixa Postal 91

BELO HORIZONTE

O segundo assalto começa. Os galos correm, um para o outro, agressivos, e se chocam com ímpeto. Esporadas. Bicadas de um e de outro, mas o Prata é que recua, Napoleão, o que avança. Os quarenta brasileiros esbravejam, num pandemônio de apostas.

— 30 contra 20. 50 contra 30. 40, como fuge. 50, como não fuge. 50 contra 25, que a luta termina. Foge, uma pinóia! Feito! Nome? — IZE'!

Fazem-se apostas nas condições mais variadas, sem documentos comprobatórios, nem escreventes juramentados, nem testemunhas abaixo assinadas. Simples questão de palavra. Tudo é motivo para apostas. A luta pode terminar empatada. Se não terminar empatada, há-de ter um vencedor. Se houver vencedor, lógico que um vencido também. O vencido, ou fugiu ou foi "marretado". Se fugiu, tanto pior para ele: não tem fibra de lutador, morrerá na panela. Se tombou ingloriamente no campo de luta, é sinal de que fez o que pôde até que a noite desceu, surgiu a primeira estrêla, calaram-se as vozes e o silêncio pesou. Paciência, amanhã estaremos acomodados no nosso poleiro, atormentados por nossas pulgas, consolados pelo desvêlo de nossas caras galinhas. Desmemoriado de tudo — nem procuraremos saber porque o nosso corpo dói tanto, nem porque o nosso bico está assim tão dolorido... Ai meu bico!...

— Esse galo já lutou alguma vez?

Manuel das Gargas se endireita — busca com o olhar o autor da pergunta, não consegue localizá-lo, meio que tomba para a quadra, sério, terrivelmente sério.

— Eu vu dizer a verdade: esse frango teve uma briguinha grande lá em Pádua.

— Venceu.

— Marrotou o ôtro!

— ISSO aí? Aposto 100 contra 50.

PRÓTESE DENTARIA

H. Wykrota

Ex-Técnico e Protético da Paladon Ltda.



— Edifício Capichaba —

Rua Rio de Janeiro, 430

1.º andar — Tel. 2-0951

— Salas de 14 a 17 —

A figura comprida hesita um pouco. Acende um cigarro, pensativo. Estuda a assistência. Estuda...

— Feito!

E' a primeira vez que assisto a uma briga de galos — e o que deduzo, as conclusões que faço nada valem diante das conclusões e deduções dos assistentes, frequentadores habituais da rinha. O Prata continua a ser o favorito. Mas claro como a água que Napoleão é que domina. O Prata responde bicada a bicada. Mas Napoleão é o que bica primeiro. Napoleão avança, bicando; o Prata, bicando, recua. Quando qualquer circunstância os separa — ao se defrontarem novamente, pescoços esticados, bico a bico, o franguinho invariavelmente fere primeiro; o Prata retruca; bicada de Napoleão; bicada do Prata; bicada de Napoleão, avançando; do Prata, recuando; ainda de Napoleão, avançando; do Prata, recuando. Súbito Prata se lembra de seus esporões. Uma esporada — e o frango cai sobre o rabo.

— 50 no Prata, contra 20!

E assim até o fim do primeiro

assalto. Meia hora de luta. Os contendores são banhados. O Prata sangra.

VIII

Lá se foi o terceiro assalto. Quarenta e cinco minutos de luta.

Lá se foi o quarto assalto. Sesenta minutos de luta. Lá se foi o quinto assalto. Setenta e cinco minutos de luta.

Sexto assalto.

Os do's galos estão cansados. Perderam a vivacidade, a ligeireza no agredir — mas não a combatividade. São dois heróis irredutíveis no campo da luta. Os quarenta brasileiros silenciaram. Alguns dormem. A luta assistida assim, na quietude, ganha em dramaticidade. Na verdade, o Prata está cansado; tem um olho entumescido; a crista sangra. Napoleão leva-o até o canto, castiga-o, fere-o impiedosamente.

— ISSO VAI ACABAR JA'!

Os brasileiros acordam. A curiosidade redesperta. Um preto lá em cima escancara uma grande boca, abre os compridos braços num espreguiçamento, mia um enorme bocejo.

Súbito o Prata acorda do seu marasmo, acerta uma esporada em Napoleão — e cai, bambo do esforço despendido.

IX

Sétimo assalto.

— Eta galinho bão pra lutá!

X

Oitavo e último assalto.

Uma hora e quarenta e cinco minutos de luta. Continuam pelejando por instinto, para não darem o braço (a asa) a torcer. O Prata está inteiramente tonto, — a crista baixada, olhinhos semicerrados, o bico pendido para o chão, o todo da cabeça disforme, inchado.

Espectadores, aparentemente

Casa Bancária Cruzeiro do Sul, S. A.

BELO HORIZONTE — MINAS

Rua dos Tupinambás, 643 — Edifício Santa Tereza — End. Tel. "BANCruz" — Fone, 2-4179

Carta Patente n.º 3.066, de 29 de Setembro de 1943

Cobranças, Depósitos, Descontos e Demais Operações Bancárias

Taxas em vigor para depósitos em c/correntes:

Popular	7 % a.a.
Limitada até Cr\$500.000,00	6 % " "
Movimento	4 % " "
Pre-aviso	5 % " "

PRAZO FIXO:

3 meses	7 ½ % " "
6 meses	8 % " "
12 meses	8 ½ % " "

Especiais: a combinar.

Belo Horizonte, Setembro de 1944.

indiferentes ao desfecho da luta, conversam. Um que outro dorme. O velho da voz de trombone — maltrapilho, cabelos grandes sobre a nuca e surgindo das orelhas, o capim grisalho da barba crescido à vontade, ralo no pescoço, compacto no peito — diz pilhérias.

O Prata não foge, mas se entregou a uma atitude passiva. Está parado no meio da quadra, como que a dormir em pé, a crista sangrando, o bico pendido para o chão. Suporta com supremo estoicismo o castigo que o adversário lhe impõe. Inteiramente inerte. Tendo-o à sua mercê, Napoleão hesita, como que estranhando a apatia do outro, achando deslealdade ferir um adversário assim. Fica como que numa expectativa, esperando uma reação, piscando para o outro uns olhinhos perplexos. Mas o Prata faz um movimento imprudente e Napoleão ataca. Bica-lhe a crista, bica-lhe o pescoço, bica-lhe a cabeça, bica, bica, bica outra vez, bica a bica, uma bicada seguindo outra bicada — insistente, impiedoso, cruel. O desfecho da luta parece iminente. Espectadores se antam, se movem para a direita e para a esquerda, procurando ver melhor. O Prata volve, manso, a cabeça, como que para evitar o castigo. Bamboleia para o lado. Napoleão põe-se-lhe à frente, bicando, bicando sempre. E' cada, bicada, bicada. Bicada. Bicada... Bicada... — Bicada...

Subitamente a luz elétrica de Campos se apaga. Escuridão. A rinha em trevas. Um assobiar

A EMPRESA MINEIRA DE CARNES S.A.,

ESTA' DESEJANDO AOS SEUS
INUMEROS FREGUEZES UM
PROSPERO ANO NOVO.



Rua São Paulo, 387

— Belo Horizonte

longínquo de garotos. Riscam-se paus-de fósforo. Iluminam-se rostos grotescos. Sombras fantásticas se movem. Treva. E novamente o vozear.

— 50 contra 30, como a luz volta! 40 contra 20, que não volta! Volta! 50 como não volta. Estou apostando. Feito! Nome? Pôlicia! roubaram a minha carteira. Nome? Aqui é o IZE'!

Logo que a luz se acende os refrescadores soltam novamente os galos. O velho da voz de trombone me informa que se a luz não houvesse voltado em cinco minutos, a luta teria terminado e as apostas seriam decididas pelo "volta e não volta".

Mas reparem só uma coisa!

Dá-se algo de extraordinário com respeito aos galos. Estão parados, um diante do outro, inteiramente apáticos, aparvalhados. Cruzam os pescoços, de manso, como que numa carícia. Ignoram-se mutuamente por longos instantes. O Prata, parado, sonolento, impassível. Napoleão, quando aquele se move, bica-lhe fraco a crista. Bica — e como que se arrepende. Manuel das Garças esbraveja:

— Vamos, seu franguinho vagabundo! Bota o outro por terra duma vez! Bota ou amanhã te como com batata. Tá dormindo aí!

E' de causar pena o espetáculo que os galos oferecem, mas francamente não é esse o sentimento que prepondera em mim — porque desejo que Napoleão "liquide" o outro. Verdaderamente seria de desejar que Napoleão e o Prata se metamorfoseassem em abutres gigantescos, em corvos antidiluvianos — e nos devorassem a todos nós. Primeiro nos comessem os olhos, com duas vigorosas bicadas; depois, pedacinho a pedacinho, nossas orelhas. Nossos narizes. Nossas línguas. Nossos dedos. Nos reduzissem a pastas sanguinolentas, largando nossos corpos das alturas. Traçassem com suas garras hieroglifos em nosso magro peitos. Nosso coração, nosso fígado, nossos rins devem ter um sabor todo especial.

Ou então — simplesmente galos — confraternizassem num beijo de bicos e cocoricassem um:

— Vão vocês todos para o raio que os parta!

E quarenta raios fulminassem todos nós.

Casa das Louças

FANTASIAS E ARTIGOS PARA
ADORNAR E PRESENTES

deseja aos seus inumeros
freguezes e amigos um feliz

ANO NOVO

LOUÇAS, CRISTAIS, CUTELARIA,
PORCELANAS, METAIS, ETC.

Rua São Paulo, 708



Belo Horizonte

O Contraste

Conto de LUIS DE LACERDA

Antes de se dirigirem em caravana à cidade de Belém, onde adoraram o Divino Infante, os magos, que não eram reis nem eram apenas três, mas formavam a classe de letrados e astrólogos da Média, haviam-se reunido para discutir o aparecimento da estrela movente e descobrir-lhe a significação.

Alguns desses varões mais sábidos em leis e influências celestes asseguravam que o astro novo prenunciava calamidades e cataclismos sem dúvida universais. Outros, louvando-se em rolos e papiros antigos, onde estavam registradas a história e as vicissitudes dos astros, desde a mais remota antiguidade opinavam pelo caráter transitório e inofensivo do fenómeno, recordando, em reforço da sua teoria, que ao tempo de Cláxares, fundador do primeiro império, o sol até se cobria de trevas, e no entanto êsse disturbio aparentemente grave não tivera outra consequência senão a trégua das hostilidades entre o monarca meda e o rei lídio Aliate, pelo pânico que produzira nos exércitos contentes.

Foi Ali Ebn, o mais moço dentre os magos, quem suscitou a idéia de que o fenómeno se prenderia a uma causa divina. Aquela estrela maravilhosa, espécie de lírio desabrochando pétalas de luz puríssima, não podia ser senão o prenúncio vivo de uma alta comunhão de Deus com os homens, a eclosão triunfal e luminosa da serenidade espiritual que o gênero

Café Saba

deseja aos seus inúmeros freguezes e amigos um próspero ANO NOVO.

Belo Horizonte, Dezembro de 1944

humano aguardava há milênios.

Mas ninguém a princípio concertou na opinião com Ali Ebn. Há no recesso íntimo de todos os homens um laivo de descrença que não desaparece mesmo diante das revelações mais sensíveis.

Contra o parecer de Ali Ebn, levantaram os sábios a evasiva de que, no curso dos eventos sociais e morais, na vida em suma fatos e cousas disparese se associam e se completam, por vezes, numa estranha harmonia. Não era pois de admirar que o luzeiro peregrinante, com todo seu fulgor e tôda sua beleza magnífica, fôsse nuncio e portador de flagelos.

A vida é feita de contrastes, diziam, e não raro aquilo que supomos a conquista do Bem é o início de intermina desventura.

Houve larga polémica, mas o colégio dos magos, apesar da sapiência dos seus membros, não logrou uma solução definitiva. Ali Ebne, contudo, príncipe de sangue, pertencente a uma estirpe de emires valerosos, senão pela preeminência nobiliárquica, influíu-lhes no

ânimo pela cordura e gentileza inata das suas maneiras, e pela acuidade e percúcia dos seus conceitos.

Por lembrança dêle decidiu-se que alguns do meio dos magos iriam empós da estrela e levariam presentes caros com que agradecer a provável munificência de Ormuz ou aplacar a possível e perturbadora cólera do deus maléfico Arimã.

E assim foi. E assim chegaram a Belém, a "aldeia do pão", famosa pelo esplendor aurioscilante das suas searas, esplêndidas de frutos a ponto de ser chamada Efrata, "a frutífera" entre os hebreus.

A's portas da cidade convenceram-se já de que Ali Ebn acertara: o firmamento abriu-se diante dêles e ouviram o rego-sijo dos celícolas que cantavam hosanas e proclamavam glória a Deus nas regiões excelsas e paz, paz única, perfeita, paz aos homens na terra...

Não é preciso dizer que espanto suave e que magnífica emoção se apossou de suas almas ao verem o menino-Deus, que adoraram e louvaram, segundo os seus ritos particula-

VARIADO SORTIMENTO

CASA ARRUDA

NOVIDADES

CASEMIRAS, LINHOS, BRINS

RAYMUNDO ARRUDA

AVENIDA AFONSO PENA N. 599

BELLO HORIZONTE

— FONE 2-7780

— ESTADO DE MINAS

Banco da Lavoura de Minas Gerais, S. A.

Capital realizado	20.000.000,00	
Aumento autorizado	40.000.000,00	60.000.000,00
Reservas		20.700.000,00

SEDE

BELO HORIZONTE
Av. Afonso Pena, 726
Caixa Postal, 144

FILIAL

RIO DE JANEIRO
Rua da Candelária, 4
Caixa Postal, 1679

Agências nos Estados de Minas e Rio de Janeiro e correspondentes nas principais praças do País —

Endereço Telegráfico: Lavoura

res e a sinceridade dos seus corações: e a quem ofertaram ouro como a rei, incenso como a sacerdote, e mirra como a profeta.

E passados alguns dias, por caminhos diversos daqueles por que tinham vindo, tornaram a sua terra agradecendo a Deus a oportunidade que lhes dera de ver o Messias, sem se esquecerem de agradecer também o providencial concurso de Ali Ebn, que os incitara à jornada feliz.

Agora sentiam-se mais contentes do que nunca e a esta grande alegria se juntava a de abraçarem logo os parentes e os amigos e lhes narrarem, ponto por ponto, a empolgante viagem.

Ao entrar na sua própria cidade e aproximar-se da casa em que vivia, Ali Ebn ouviu lamentações e choro.

A sua alma estremeceu ante a visão de uma desgraça que lhe houvesse ferido o lar. Saltou do dromedário e, ao transpor os umbrais da morada, um servo, prostrado em terra, contou-lhe que a desdita estendera as asas de treva sobre o seu teto.

O único filho do Mago, um menininho de olhos garços, meigo como os cordeiros novos que se dessedentavam no laxartes, alvíssimo como as açucenas silvestres dos vales da Pártia, o seu único filho morrera súbitamente.

E indagando o dia em que tal acontecera, Ali Ebn soube que fôra precisamente na mesma data em que Jesus nascera no presépio de Belém. Fazam-se lamentações e choros porque cem sóis e cem luas eram volres e a sinceridade dos seus

vidas desde a nefasta visita de Arimã.

Uma nuvem passou pelos olhos do môço, e êle chorou copiosamente.

Um mago pessimista — o único dos grandes magos que o não acompanhara na viagem à Judéia — aproximou-se dêle e falou:

— Não te disse eu que a vida é feita de contrastes? Agora, a tua dor é eterna...

Ali Ebn continuou imóvel e silencioso ainda alguns instantes. Depois alçou a cabeça e, fitando o céu longamente como se por seus olhos passasse tôda a maravilhosa cena de Belém, redarguiu em voz mansa:

— Agora, a minha dôr é eterna mas a consolação em Jesus é perfeita!

E sorriu, e chorou copiosamente...



*Livraria Cultura
Brasileira Ltda.*

★
RUA SÃO PAULO N. 552

FONE, 2-6197

CAIXA POSTAL, 348

End. Tel. "CULTURA"



Filial - LIVRARIA ANGLO-AMERICANA

RUA DOS CARIO'S, 279 - FONE 2-6763 - BELO HORIZONTE

A NOITE DE NATAL NO RIO DE JANEIRO

★★★

Melo Morais Filho, nesta página de seu livro "Quadros e crônicas", revive o Rio de Janeiro de velhos tempos, em que os exotismos europeus não haviam ainda desfigurado as nossas festas de Natal, nem as alegrias mundanas tinham dissipado dessa noite o puro encantamento religioso...



FORAM-SE quase os tempos em que a religião tinha nesta terra encantos inefáveis e suas festas os enlevos que douram os horizontes sombrios da vida.

Oh! por que arrancar dos que crêem as suas crenças hereditárias? Por que destruir o tesouro das superstições, quando elas nos confortam o ânimo e nos transportam a esperança?

Despertadas do sentimento individual e da imaginação, elas planam distantes das contingências terrenas, embora não se asilem no mais remontado dos céus.

E quantas vezes não nos recordamos desse passado que nos correu descuidoso! dessas tradições que veneramos em dias melhores e cuja lembrança conservamos até a morte!

A noite de Natal no Rio de Janeiro era a festa das crianças e das mães; dos venturosos da sorte e do escravo, que já tinha quem lhe recolhesse as lágrimas aflitas e os gemidos sem eco na treva das senzalas.

A família, preparada para os júbilos da igreja associava-se pela abstração às venturas da Virgem Mãe, no estábulo de Belém, quando, embalando o seu recém-nascido, recebia as oblações dos pastores em tropa, que acudiam das aldeias vizinhas.

Nesta Capital e nos subúrbios as festas do Natal eram amplas e características. E' que nem sonhávamos de pedir ao estrangeiro — no país das florestas — a tola e raquítica árvore do Natal, para simbolizar as galas de que se revestira a natureza no nascimento daquele que vinha em nome de Deus.

O contentamento reinava por toda a parte; ricos presentes destinavam-se com prodigalidade; os escravos, de roupa nova, cumpriam alegres tarefas; os presepes armados, as casas iluminadas no interior, os móveis bem espanados, os vestidos de seda estendidos sobre as camas, anunciavam a próxima festança que começava logo ao escurecer.

A "missa do galo" punha em revolução casas in-

teiras: velhas, moças, meninos e rapazes, ninguém dormia, ninguém se ocupava com outra coisa qualquer.

Certa parte da população, porém, preferia armar o trono do Menino, passar a noite entre cantigas e danças, visitar o presepe do Barros.

Nas freguesias e nos conventos, as pompas ruidosas que iriam ter lugar faziam sair fora dos hábitos regulares as comunidades, os vigários, o pessoal subalterno do culto. As capelas, com uma escadaria de velas de cera, deviam projetar grande luz no ambiente do altar-mór, todo enfeitado e aceso, em que era de rigor colocar-se o Deus-Me-

nino, deitado e nuzinho, em um leito de ouro e de pedras finas...

E uma orquestra de repiques de sinos retinha nos ares feridos pelos gritos das multidões em tumulto, que imitavam nas ruas o canto do galo a vez dos animais, que, segundo a lenda, exultaram de prazer com o nascimento do Messias.

A noite de Natal, que o era também de liberdade e de inocentes prazeres, teve no Rio de Janeiro uma característica firme, de que conservam memória pessoas que ainda existem.

A partir das oito da noite de 24, quando as estrêlas erguiam nas alturas as suas lâmpadas de diamantes, um rumor vago, indefinido e às vezes harmonioso, circulava na cidade. Grupos precedidos por tocadores de violão e cantadores de modinhas seguiam à aventura, isolando-se em pontos variados o som de uma flauta que fazia a parte cantante, de um cavaquinho estridente, de uma guitarra afinada e de plangentes arpejos...

Ao longo das ruas, debruçadas às janelas abertas das rótulas, muitas pessoas avistavam-se, de espaço a espaço, apreciando as danças em casas de famílias da classe proletária, ou palmeando no fim das modinhas e lundus, cantados aqui e além pelo pardo Anselmo, o Alves, o João Cunha, o Juca Cego, o Dr. Clarimundo, o Leandro, o crioulo "Trovador", o Zé Menino, e trinta outros menestrelis populares.

Nos intervalos, os convidados iam para dentro, geralmente aos pares, os cavalheiros trocando amabilidades com as suas damas, agitando a luva de pelica, rindo dos incidentes de uma quadrilha.

Lá, a grande ceia estava preparada; e, no momento dado, o corredor atravancava-se, esvaziando-se de todo logo que ca-

outro português, personagem infalível nos dias rissonhos ou nefastos dos brasileiros em quaisquer condições.

E os hurras ferviam, as saúdes trocavam-se, e o pardo ou o crioulo que presidia à mesa notava-se de fora, encasacado e de pé, orando, gesticulando, levantando o braço e suspendendo acima da fronte a taça espumante de champanha.

Nisso, os magotes de povo, os escravos que obtinham licença para divertir-se, sulcavam os caminhos, amotinados, imitando o cacarejar do capão do terreiro, o canto prolongado do galo músico.

Na Rua de Matacavalos, a capela do Menino-Deus agremiava inúmeras famílias que, desde as Ave-Marias, a frequentavam.

Enquanto já por cerca das dez ou onze horas essas cenas se passavam,avas de gente seguiam pelo Largo do Rocio, em direitura à Rua dos Ciganos, que se ostentava brilhante, atravessada por cordas enfiadas de bandeiras, iluminada, coberta de fôlhas e flores, e animada pela banda marcial que tocava em um coreto.

Girândolas amiudadas subiam ao ar, e o povo, com chapéus e bengalas, desviava as flechas que sibilavam caindo.

Na Rua dos Ciganos, onde são hoje os sobrados de números 34 e 36, tinha a sua grande marcenaria o velho português Francisco José de Barros, marcenaria que ocupava as cinco portas de sua vasta casa abarracada.

Nas proximidades do Natal, o estabelecimento desaparecia, por isso que o presepe se instalava na metade anterior da oficina.

Durante trinta anos o velho Barros armara o seu tradicional presepe, que atraía toda a cidade e subúrbios.

O espaçoso salão, para o qual se entrava por uma única porta lateral, era decorado sem elegância, mas com originalidade: dos tetos viam-se anjinhos pendurados de barriga para baixo; a um lado uma espécie de tribuna, em que cantavam as filhas do proprietário os versos do Natal e Reis; o lugar destinado à orquestra conhecia-se por uma pequena estante de pinho, sobre a qual havia papéis de música e velas acesas de carnaúba em ramos castiçais de fôlha de Flandres.

O presepe, que formava o fundo de um lado a outro, e que subia até o teto, era constituído por peças que se desarticulavam à vontade, sendo as figuras, as casas, os repuxos, as fortalezas, a história toda feita pelo Barros, o exclusivo santeiro, marceneiro, pintor e arquiteto do seu presepe de variadíssimas quinquilharias.

Dizem que o motivo que levara o bom do velho a festejar com a lapinha o nascimento do Deus-Menino fôra um voto, uma promessa.

Até aí não remontaram as nossas pesquisas.

Mas, quanto esplendor! quanto talento de artista aproveitado naquela obra que pasmava as crianças, entretinha devotamente a população inteira, causava assombro aos entendidos no assunto!

Nas noites de Natal, Ano Bom e Reis, a Rua dos Ciganos não podia ser mais bela. As pompas exteriores reproduziam-se, as meninas cantavam, a música tocava, e nessas noites e aos domingos o

da um tomava assento às mesas extensas, por vezes emendadas.

Na interessante totalidade, as reuniões em casas térreas eram entre gente de casta, isto é, de homens e mulheres de côr, comparecendo um ou

presepe ficava exposto ao público, das cinco horas à meia-noite.

E quem não se lembra do Barros, daquele velho baixo e cheio de corpo, claro e rosado, de cabelos à escovinha e completamente brancos, de barba rapada e sem gravata, que, vestido de brim alvo e engomado, obsequiava a todos com a mesma meiguice, com o mesmo sorriso feliz e inocente?

E aquele operário obscuro tinha um ideal; aquele português de outros tempos amava a este país e a suas instituições.

À exceção das noites em que o seu presepe só recebia a visita de escolhidas famílias e do público, as demais ele reservava a um benefício, cujo produto entrava para a caixa da Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Mecânicas e Liberais, à qual legou por sua morte um valioso prédio.

Na véspera de Reis os ranchos iam cantar naquele presepe as suas cantatas, diante do Menino deitado em um berço de palhas, junto à Santa Virgem e a São José, acercado de pastores e dos Reis Magos, vindos do Oriente.

E o povo atopetava a Rua dos Ciganos, e duas frases se escutavam soltas, aqui, além, mais longe: — missa do galo, presepe do Barros.

Subindo as escadas tapetadas dos ricos e nobres, alguma cousa de elevado dominava de boa altura: o trono do Senhor-Menino, nos deslumbrantes salões.

Junto a ele as mães vinham implorar a saúde para seu filho a morrer; uma irmã pedia a Jesus nascido a guia de uma estrela propícia para seu irmão em viagem; o escravo, ajoelhado, implorava ao Libertador dos cativos o dia da liberdade.

A' mediana social, entretanto, estava reservada a maior castidade, sob o ponto de vista religioso dos costumes privativos. O pequeno presepe da sala maravilhava a família; os vizinhos e os amigos achavam-se presentes; a escravatura, contente de sua sorte, aguardava na porta da rua ou no corredor os seus senhores, para acompanhá-los à igreja.

E um repique de sinos formava um concerto aéreo como um cântico de anjos, anunciando a missa da meia-noite...

As sedas farfalhavam ao leve passo das moças bonitas; o Menino-Deus em sua peanha, com seu cajadinho de ouro, prendendo um carneirinho que pastava no montículo, avultava de um móvel de jacarandá; e as crianças, as senhoras, as moças, as crias, prontas para a igreja, murmuravam impacientes pela demora dos mais velhos.

Muitas vezes, de repente, saindo do fundo de uma cama, como se ressurgira de um túmulo, um indivíduo magro, coberto de cãs, recalcando no peito uma tosse hética, adiantava-se trêmulo, abria o braço, passeava o olhar sobre a imagem, e, risonho e feliz, contemplava por instantes a família reunida, que era ditosa e tinha fé, no maior dia da cristandade!

Esse velho era um pai ou um avô, a quem a reli-

CARMINO

O ALFAIATE DA ELEGANCIA



Av. Afonso Pena, 549 - 1.º andar - Fone 2-7024
BELO HORIZONTE

gião emprestara naquele instante a saúde perdida e o vigor dos dias antigos.

E partiam...

Os alaridos acordavam os ecos, as aves noturnas libravam-se às tontas, tangidas das torres, as famílias desfilavam com o seu cortejo de negrinhas e moleques, os adros dos conventos, das paróquias, dos suntuosos templos como o Carmo, São Francisco de Paula, Candelária e Sacramento, ficavam compactos de fiéis, devotos das missas cantadas.

Na Capela Imperial, apenas batia meia-noite, a multidão quase que não se podia mexer no corpo da igreja; os músicos apareciam no cântico, afinavam os instrumentos; as sentinelas, postadas em determinados lugares, decansavam as espingardas, cujas baionetas espelhavam aos jorros da luz.

Então, as ondas do povo afastavam-se à direita e à esquerda, oferecendo passagem ao santo bispo, que ia solene officiar. Vestido de capa de um tecido de ouro, vergado pelos anos, com a fronte coroada de mitra, sustendo o báculo, o príncipe da igreja caminhava lento, precedido de monsenhores e cônegos, de turiferários e acólitos, de sacerdotes e de diáconos, com círios acesos e cantando sagrados cânticos.

E a missa de Natal celebrava-se majestosa, porque nascera o Senhor, que "seria chamado o Admirável".

Nas diversas igrejas, não obstante serem as pompas litúrgicas menos grandiosas, não deixava de ser subido o piedoso fervor.

Em outro tempo, quanta autonomia em nossos costumes! quanta alegria íntima não ia no coração deste povo, que confiava nos seus destinos!

Mas o Rio de Janeiro, como quase todo o Brasil, tem esquecido as suas tradições e os seus costumes; a festiva noite de Natal já não é o que foi, nós nos temos desfeito do nosso passado, como de um objeto inútil.

— Cuidado, barqueiro!

Não vês aquele ponto negro no horizonte? É prenúncio de tempestade.

Fujamos!

MELO MORAIS FILHO

CASA FUNDADA EM 1886

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

PAPELARIA — LIVRARIA — OFICINAS GRÁFICAS

AVENIDA AFONSO PENA, 1050



END. TELEG. PAPEIS

Fones: 2-1607 — 2-3016 — BELO HORIZONTE — Caixa Postal, 14



Minas Tênis

Registrada no D. I. P.

DIRETOR RESPONSÁVEL
GASTÃO FERNANDES DOS SANTOS

Diretor de redação

HELI MENEGALE

Chefe de publicidade — JOSÉ MOTA SOARES

Diretor-gerente

FRANCISCO FERNANDES

Ano IV — Belo Horizonte, Dezembro de 1944 — N. 5

Uma enseada na montanha

QUEM não se lembra daquela ribanceira que enfeiava o bairro de Santo Antônio? Estava condenada a ser, no meio do colorido urbano, o recanto morto, a nesga solitária, eternamente inóspita. Pera isso a natureza, em contorsões violentas, lhe deu formas inacessíveis, despenhadeiros, fumaças, desniveis, que afugentavam os passantes cautelosos, apurados no seu espírito eminentemente estético...

Aqui no entanto, iria, mais uma vez, o homem vencer a natureza, fazendo nascer do caos a flor arquitetônica do "Minas Tênis Clube".

Todos os acidentes foram artisticamente aproveitados, e aquelas superfícies informes e revoltas se transformaram, como num milagre, em rampas suaves, curvas harmoniosas, alíciantes taboleiros de grama.

No ângulo mais alto se levanta o prédio da sede, com suas varandas dominantes abertas para a paisagem. E dali se desdobram as longas arquibancadas, a piscina espelhante, o majestoso vestiário, os "courts", o "play-ground"... E tudo envolvido pela cêrca viva que oculta aquele parque encantado dos olhos bisbilhoteiros da rua...

O que a sociedade da Capital tem de mais fino se reúne naquela enseada ruidosa, com a alegria que a água e o sol comunicam à alma, para a prática dos esportes, ao ar livre, no rigorismo dos preceitos da eugenia moderna.

E nos suntuosos salões da sede, à noite, há as grandes festas belorizontinas, em que esplendem o luxo, a elegância, a etiqueta da sociedade mineira.

Pois bem: o "Minas Tênis Clube" já celebrou o 9.º aniversário de sua existência. Nove aos de uma vida vitoriosa, a serviço da raça e da civilização mineira.

Parabéns ao "Minas Tênis Clube"!

Heli Menegale





Na esquina de confluência das Ruas da Bahia e Emboabas, o prédio da sede do “Minas Tênis Clube” oferece angulos belíssimos á perspectiva dos que passam. Vê-se nesta face a entrada da sede; por aí tem passado, num interminável desfile de elegância e distinção, os elementos mais representativos da sociedade mineira.



E' noite. Lá dentro, nos esplêndidos salões, estridulam as notas dissonantes de uma orquestra moderna, os pares rodopiam, na dança, há festa, há risos, alegria... E a fachada do "Minas Tênis Clube", aberta em vitrais, projeta nas trevas da noite a feérica luminosidade das suas mil lâmpadas potentes.



Este é o salão de baile do “Minas Tênis Clube”. Imenso, arejado, claro, convida à dança, e é o cenário aristocrático em que a mais elegante sociedade de Belo Horizonte se encontra nas oportunidades festivas, para finíssimos saraus que se vão tornando tradicionais em nossa cidade.



Na arquitetura do “Minas Tênis Clube”, o salão de restaurante é um de seus mais belos interiores. Todo decorado em estilo marajoara, nesse estilo também é seu rico mobiliário. Nesse ambiente agradável e distinto têm sido realizados banquetes dos mais memoráveis em nossa Capital, e este salão é dos lugares preferidos pelos sócios do grande Clube.



Num lampejo feliz, o artista ideou êste poema arquitetônico — a sede do “Minas Tênis Clube”. Casa-se ao ambiente como uma rima na ponta de um verso. Das suas varandas largas e bafejadas de luz se descortina um panorama estonteador — além das dependências do Clube aristocrático, dali se vê todo o bairro de Santo Antônio, com as suas ruas ensombradas, os seus magníficos palacetes residenciais, os seus bangalôs feiticeiros. No conjunto urbanístico do “Minas Tênis Clube”, a sede é a sua preciosa pérola...



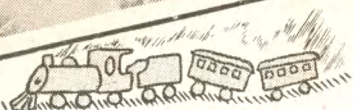
A criança sadia, a juventude radiosa que frequenta a piscina do “Minas Tênis Clube”, essa profusão de corpos ágeis que cortam aquelas águas translúcidas — eis a vida da admirável agremiação. Pela manhã e á tarde, ondas e ondas murmurantes de nadadores entram no grande tanque ou dêle saem, exuberantes de saúde e de alegria. A piscina é a vida e a fôrça do “Minas”.

Crianças, DELICIA DO LAR

Ao lado: Delza
Seixas Delpino.
Em baixo: Edméa
Tavares.



Nos medalhões: Regina e Ro-
gério, filhinhos de nosso de-
senhista Rocha.



DE AMARCO

Switz

goalheiro

AV. AFONSO PENA, 545



DR. ALONSO MELO LIMA

Realizou-se no dia 29 de Novembro último, a eleição da diretoria do Clube Belo Horizonte, a aristocrática sociedade da Capital, para o bienio 1945-1946.

A sede do clube da rua da Bahia reuniu um número considerável de associados que ali compareceram afim de prestigiar a chapa encabeçada pelo incansável diretor Cel. Francisco de Campos Brandão.

A escolha do seu nome para presidente, foi apoiada unanimemente pelos socios presentes à reunião, dada a atuação de S. S. nos negócios do clube, onde seus esforços sempre visaram o desenvolvimento social e recreativo do mesmo.

Teve ampla repercussão nos meios sociais e intelectuais, a escolha do nome do dr. Alonso Melo Lima, para o espinhoso cargo de secretário daquela sociedade.

Para o corrente ano, o Clube Belo Horizonte está organizando um vasto programa de festas, notando-se as reformas que vão ser feitas para a melhor acomodação e conforto de seus inúmeros associados.

Revista MINAS TENIS sen'e-se satisfeita em focalizar nesta pagina a atuação brilhante do Clube da rua da Bahia no seio da sociedade belorizontina.

Campeão da Avenida

*Deseja a seus inumeros freguezes
e amigos um próspero e feliz
Ano Novo.*

SORTES GRANDES?

CAMPEÃO DA AVENIDA

e... não se discute.

Avenida, 612

Avenida, 781

CLAUUDIO DEBUSSY,
que nasceu em Saint
Germain-en-Laye em ..
1862 e faleceu em 1918,
é universalmente consi-
derado o maior compo-
sitor francês dos tempos
modernos, e um dos
maiores nomes da his-
tória da música.

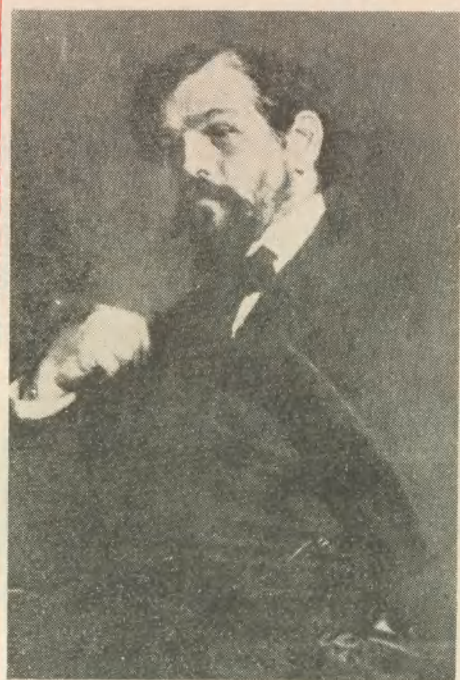
Em 1874 ingressa no
Conservatório para a-
prender solfejo e piano;
no ano seguinte obtém
o primeiro grande prê-
mio de piano; em 1882,
o primeiro grande prê-
mio de contraponto e fu-
ga, e faz à Rússia uma
viagem que influir mu-
ito no artista; em 1884
conquista o grande prê-
mio de Roma; regressan-
do de sua estada fecun-
da em Roma, inicia em
Paris a grande revolu-
ção simbolista da mú-
sica.

A música tem sido sem-
pre a mais retardatária entre as artes a receber a
influência das grandes transformações estéticas. Foi
o que aconteceu também na reação simbolista, que
nasceu na poesia e que é mais própria mesmo da
poesia. Mas o simbolismo atingiu a música, e foi
Debussy que o revelou.

Passando a frequentar assiduamente, depois de
seu regresso de Roma, a roda dos artistas franceses,
nas recepções do poeta Mallarmé, sente o contágio
dos ideais estéticos de seu tempo, que parecem ser
justamente os de seu gênio, de sua sensibilidade, de
seu feitio, de suas aspirações. Como a poesia sim-
bolista, a música em Debussy, na sua delicadeza, su-
geria, apenas, o pensamento.

Como sempre acontece em face dos criadores
geniais, a sua obra foi a princípio incompreendida;
a crítica recebeu-a mal, com estranheza; o público
não a levava a sério, o terrível público francês, que
já lhe zombaria tremendas.

Em breve, porém, a deliciosa música de De-



CLAUDIO DEBUSSY

bussy, livre, colorida, de
uma harmonia nova, e
prodigiosamente afeta à
época, venceu essa in-
compreensão e os musi-
cistas passaram a sofrer
a sua influência, o pú-
blico se tornou entusias-
ta de sua obra.

Tecnicamente, o que
caracteriza a música de-
bussyana é a quebra do
modelo clássico tonal,
com a introdução de no-
vas gamas. Além desse
fundamento, Debussy
ainda transformou a ma-
téria, a inspiração, a for-
ma. Depois disso, hori-
zontes novos e ilimita-
damente amplos se abri-
ram à música; pode-se
dizer que Debussy criou
uma nova era dessa arte.

A preocupação da tonal-
idade, que era o funda-
mento do classicismo, não
foi vencida nem mesmo
pelo romantismo liber-

tador. Cabe a Debussy essa revolução, no ocidente,
que o torna o marco dessa idade nova da música.

Havendo escrito desde as peças pequenas para
piano até o bailado e a ópera, hoje a sua obra mun-
dialmente se difundiu, se executa, se compreende,
se jama.

Tendo composto muito sobre poesias de simbo-
listas, tem numerosas peças para canto, entre as
quais — "Arietas esquecidas", "Cinco poemas de
Baudelaire", "Canções de Bilitis", "Três baladas de
Villon", "Três poemas de Stéphane Mallarmé", de
suas peças para piano há, entre muitas, "Suite ber-
gamasque", "Estampas", "Imagens", "Children's
corner" e os dois belíssimos e conhecidos ternos
de "Prelúdios"; contam-se as peças orquestrais: "Pre-
lúdio para a sesta de um fauno", "Noturnos", "La
mer", "Ibéria"; "Pelléas et Mélisande", ópera sobre
uma peça dramática de Maeterlinck, o qual, aliás,
preocupou evitar a sua estréia, ante os rumores de que
esta provocaria grande escândalo, pelo seu moder-
nismo.

HELIO LUZ escreveu

RODOLFO ilustrou



NOITES NA PAMPULHA/
NOITES MARAVILHOSAS/



PAMPULHA



UM FINANCISTA DE MINAS

O Coronel Isidoro Cordeiro e as suas realizações em nosso mundo econômico

É longamente e amplamente conhecida em Minas a ilustre figura do Coronel Isidoro Cordeiro, que, pela sua operosidade e pela solidez de sua idoneidade, vê o seu nome cercado do respeito e do prestígio que lhe voltam os homens de negócios de todo o nosso Estado.

Elevando incessantemente o âmbito de suas realizações, de há muito se entregou o Coronel Isidoro Cordeiro às atividades bancárias, vencendo aí como em todas as demais esferas em que se fez sentir o seu grande tino de financista.

Um dos característicos desse homem de negócios é a honradez em que pauta os seus atos, constituindo-se, assim, um autêntico padrão de mineiro; mas o seu mais apreciável atributo é a segurança com que traça e resolve as questões que os seus inúmeros negócios cotidianamente lhe apresentam. Esse o motivo pelo qual todos os seus empreendimentos são vitoriosos e prosperam, sendo disso o seu nome a decisiva garantia.

Entre as mais prósperas iniciativas do Coronel Isidoro Cordeiro acha-se o Banco Meridional de Minas Gerais S. A. Tendo como presidente o ilustre mineiro essa conceituada casa de crédito firmara o seu prestígio em todos os meios comerciais de nosso Estado, e vinha ampliando dia a dia os seus negócios, na realização das felizes operações, devidas, é natural, às sábias diretrizes que lhe eram ministradas. Vinha sendo, por conseguinte, o Banco Meridional de Minas Gerais S. A. mais um dos esplêndidos serviços que ao Coronel Isidoro Cordeiro deve a nossa terra, e nela, principalmente, a nossa vida financeira e econômica.

Pois bem; mais feliz e de mais arrojado alcance é o grande cometimento que acaba de verificar-se em nosso mundo das finanças, que tem provocado em nossas rodas bancárias vivos e lisonjeiros comentários. Trata-se da fusão que acaba de ser feita do Banco Meridional de Minas Gerais S. A. e do Banco Comercial e Agrícola de Minas Gerais, dois estabelecimentos do mais alto conceito e que, fundidos, multiplicarão as suas possibilidades e os seus méritos.



Elevado o capital para dez milhões de cruzeiros, basta a citação dessa importante cifra para garantia do relêvo que terá na vida mercantil de nosso Estado e mesmo da nação esse estabelecimento de crédito. E dizendo da nação, vem a propósito citar que esse novo e poderoso banco que resulta da fusão entre o Meridional e o Comercial e Agrícola acaba de fundar uma sucursal no Rio de Janeiro, a que sobremaneira beneficia a sua vasta rede de clientes.

* * *

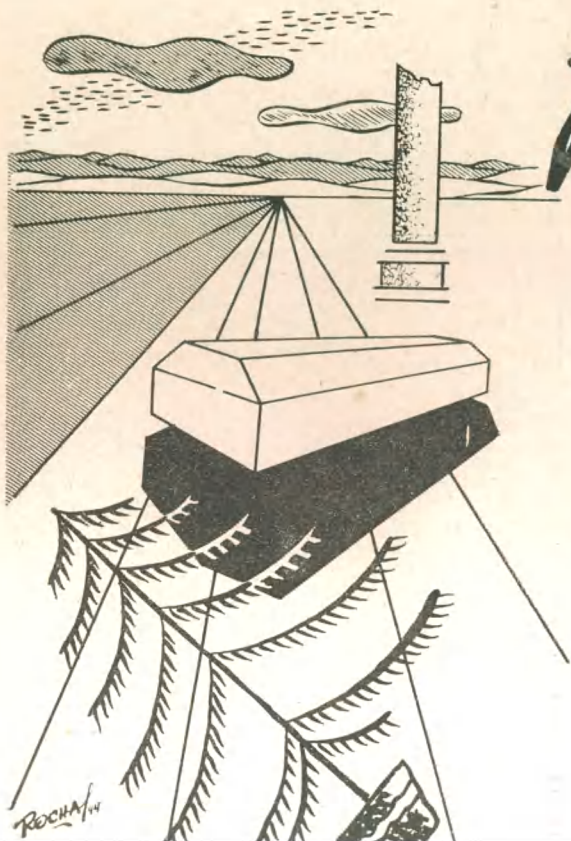
papai-noel

Poema e ilustração de Antonio Rocha

O filho do pai pobre ganhou sorrindo,
na véspera do Natal,
um carrinho branco diferente dos outros
[carros.

E dentro dêle, o filho do pai triste,
no dia de Natal,
sorrindo, foi brincar na eternidade...

Muito feliz,
muito mais feliz que os meninos alegres
dos outros carros.



COM as obras realizadas pelo Governador Benedito Valadares e recentemente inauguradas pelo sr. presidente da República, ARAXÁ, cujas águas miraculosas são conhecidas em todo o mundo, tornou-se um dos maiores centros mundiais de cura e repouso.

Seu hotel-monumento, que é um mundo em miniatura, onde o veranista encontra, além de todo o conforto, um teatro, um cinema, um "show-dancing", uma biblioteca, jardim de inverno, salão de festas, salão de música e trezentos e tantos amplos apartamentos, onde possa passar os momentos do maior descanso e entretenimento; seu balneário, dotado do aparelhamento mais moderno, mais completo, mais avançado cientificamente; seu magnífico parque, maravilhosamente ajardinado onde todos os esportes podem ser praticados; o clima da estância, sua repousante natureza ambiente; tudo isto faz de ARAXÁ hoje um local onde os veranistas nacionais e estrangeiros encontram tudo o que possam imaginar, além de gozarem as delícias de uma vida a um tempo de campo e de cidade.

*

Passe em ARAXÁ o tempo de uma estação: 21 DIAS em ARAXÁ equivalem para V. S. a UM ANO de SAUDE.

Araxá

centro continental
de cura e repouso



O OUTRO PAPÁ' NOEL

- Conto de BUENO DE SIQUEIRA
- Especial para Minas Tenis

— Papai Noel não é amigo dos meninos pobres.
— Por que, meu filhinho?
— Veja, mamãe. O menino ali da frente é rico. O que fica ao lado, também. Seus pais podem comprar brinquedos caros para eles. Não precisam do Papá Noel. Mesmo assim, Papá Noel traz para eles um punhado de preciosidades todos os anos. E para mim?

— Não diga isso, filhinho.
— E para maninha? E' isso mesmo. Somos pobres, e Papá Noel só gosta de crianças bem vestidas.

— Você promete não fazer mais pirraças?
— Prometo todo ano, e só recebo umas bolinhas de crique ou um saquinho de balas baratas que só servem para dar dor de dentes na gente.

— Você continue bomzinho, está ouvindo? Eu vou escrever uma carta para Papá Noel e tenho certeza de que no próximo Natal ele irá trazer para vocês uma bola de capotão, uma boneca rica...

— Não adianta escrever. O carteiro não entrega a carta. Ele também só gosta é dos meninos ricos, porque os pais deles é que dão festas de fim do ano.

— Adanta, s.m. Eu mesma irei pôr a carta no correio.

D. Paulina teve pena de seu filhinho e tomou a firme resolução de tudo fazer para melhorar os presentes da noite de Natal. Sacrificou, não resta dúvida; economias, alguma privação na mesa. Mas era mãe carinhosa, e queria dar um dia de prazer a seus dois filhinhos menores, Zézé e Mariinha.

Expôs o seu plano ao gerente da fábrica de tecidos em que trabalhava, e conseguiu que ele adiantasse metade do ordenado do mês de janeiro; vendeu um relógio de prata que herdara do marido, e apurou, ao todo, trezentos cruzeiros. Radiante, e tendo já comprado os objetos, disse para os pequenos:

— Vocês vão deitar-se mais cedo, hoje. Se estiverem acordados quando Papá Noel entrar com o saco de presentes, não se levantem, não se mexam, não peçam nada. O bom velhinho não gosta de crianças ambiciosas. O melhor é cobrirem a cabeça se pressentirem os passos dele...

Assim que os petizes se recolheram, D. Paulina meteu furtivamente os brinquedos e os bonbons nos sapatinhos, e, como sobrasse muita coisa, fez ainda um embrulho suplementar e colocou tudo debaixo das camas. Então, confiando a guarda da casa à filha mais velha, vestiu-se e foi assistir à missa do galo na igreja de Santa Efigênia.

A filha mais velha, empregada numa casa de brinquedos, estava cansadíssima, pois havia trabalhado excessivamente durante todo o dia. Por isso, indo para a cama, pegou logo no sono, um sono pesado, profundo, tranqüilo.

Era quase meia noite quando o ladrão penetrou, cautelosamente, na casa. Dias antes, tinha entrado aí, sob pretexto de ir apanhar no pátio um seu galo de briga, que lhe escapara... Mentira. Não



possuía galo nenhum, nem de raça nem sem raça. Mas ficara conhecendo os cômodos da casa, as comunicações, os fechos.

Foi-lhe fácil, portanto, ao entrar na casa, alta noite, ir direito ao quarto das crianças.

Zézé estava acordado e percebeu a chegada de Papá Noel. Viu mesmo quando o ladrão se abaixou, indo de gatinhas para o rumo da cama. Teve o pensamento de se dizer amigo do velhinho; pensou em prometer-lhe comportar-se bem em casa e no jardim-da-infância e, em seguida, com uma voz adocicada e meiga, suplicar-lhe:

— Deixe bastante brinquedo, ouviu, Sr. Papá Noel?

Mas lembrou-se da recomendação da mãe e, como Papá Noel não gosta de crianças ambiciosas, conteve-se, cobriu a cabeça com a colcha, virou-se para o canto e dormiu.

O ladrão deveria ter repetido a proeza em mais de uma casa. O certo é que, quando chegou ao prédio da rua São Paulo, quase esquina com a Avenida Bias Fortes, já estava com o saco a ponto de rebenatar de cheio. Conhecia a casa. Dias antes tinha ocupado o telefone, com permissão da cozinheira, na ausência da patroa. E estudara metulosamente o interior da luxuosa residência. Descobrira que não seria possível abrir a porta da rua, pois as suas chaves falsas eram tôdas de sistema diferente do das chaves empregadas no palacete. Mas onde é que ladrão não pode penetrar? Saltou as grades do jardim-zinho, esqueceu-se pelo beco ao lado e tomou o ru-

nio da cozinha. Não precisou entrar pela chaminé, caminho preferido pelo seu colega europeu, o verdadeiro Papá Noel. Abriu facilmente a porta e achou-se dentro da casa.

Dirigiu-se em seguida ao quarto do menino, um quarto todo azul com silhuetas negras pintadas nas paredes e discretamente iluminado por uma lâmpada elétrica de luz graduável.

O menino rico dormia tranquilamente, sonhando com os custosos brinquedos que os pais já haviam despejado debaixo do leito. Uma onda de objetos caros e esquisitos. Havia até um pequeno aeroplano que voava de verdade. Nada de milagre. Pais ricos e um filhinho único. Chamava-se Edison.

O ladrão teve cuidado em não despertar o pequeno felzardo. Papá Noel é delicado e não costuma incomodar as criancinhas quando vai presentear-las na grande noite do ano.

Pé ante pé, agachou-se junto da luxuosa cama parente e começou a baldear para o saco os brinquedos do menino rico.

Mac não lhe correu tudo tão bem como na casa da dona Paulina, em Santa Efigênia, e no barracão de Siá Ponciana, no bairro do Pendura-Saia.

Eram duas horas da madrugada, e os pais de Edison estavam de volta de sua visita, — sua única visita — ao Casino da Pampulha.

Descendo da presença de gente estranha no interior de seu santuário doméstico, Dr. Freitas deixou a esposa de plantão no hall do palacete, afastou-se um pouco e, daí a alguns minutos, voltava acompanhado de um guarda-civil.

Ou fosse medo ou fosse falta de prática, o guarda penetrou na sala de jantar fazendo muito barulho. Adquirindo então a certeza de que se tratava de um ladrão, teve a idéia de se intitular comandante de forte contingente policial e começou a dar ordens, em alta voz:

— Guarda n. 203, no jardim! O n. 305 vigie a sala de visitas! Os outros cerquem a casa pelos fundos. Armas em posição.

Como era natural, o ladrão se julgou perdido. Não, lhe seria possível romper uma patrulha tão forte e ganhar a rua São Paulo. Mas lembrou-se da Avenida Bias Fortes, à esquerda.

Ato contínuo, arrancou a grande barba postiza, toda branca, que tinha colada ao rosto, acanotou apressadamente o saco de brinquedos roubados e, galgando a primeira janela que achou, sobrou na Avenida Bias Fortes. O guarda foi-lhe no encalce, gritando sempre os números de seus comandados. Chegou a dar um tiro para o ar. Não consta, porém, que tenha deitado mão no fugitivo, pois os jornais do dia seguinte nada disseram a respeito.

De manhã cedinho, o pequeno Edison saiu da cama, pensando nos brinquedos. Lá estavam, de fato, debaixo da cama. Brinquedos em profusão. Contou. Eram mais de vinte! A sua surpresa, porém, cresceu desproporcionadamente quando, ao sair do quarto para ir mostrar os presentes às empregadas, tropeçou no saco que o ladrão não pudera levar ao fugir.

Quanta coisa preciosa!... Piorras de moia, espiãgaidas automáticas, aviões, bolas... Havia até uma boneca dessas que falam "mamãe" e que sabem dormir, uma boneca de duzentos cruzeiros!

Contemplando tudo, com olhos devoradores, o menino rico encheu-se de agradecimentos ao Papai Noel e exclamou:

— Como Papai Noel é bomzinho! Não se limitou a presentes avulsos... Deixou-me um saco inteiro!

Depois, notando a presença da boneca, refletiu:

— Está aí o inconveniente de só viajar de noite... É um mau hábito. Se tivesse vindo de dia, Papai Noel veria que eu não tenho uma irmãzinha... e não traria boneca... Mas pode-se vender... Sempre bomzinho, o velho!...

Garotada do Minas Tenis (Continuação da página 34)

PINTINHOS



Surgiram duas dezenas de pintos, quebrando os ovos, nos belos terninhos novos das suas penas.

Não precisam tais pintinhos de cobertor nem de casas, pois sob as maternas asas estão quentinhos.

Se a mamã sai, de manhã, aflitos, por ela chamam. Ah! no mundo todos amam sua mamã...

HELI MENEGALE

INSTITUTO LUDOVIG

PROPRIEDADE E DIREÇÃO DE

FRANK

O Salão preferido pela elite belorizontina —
Penteados — Ondulações permanentes —
Tinturas — Man'cure — Massagem e limpeza da pele, etc.

Estabelecimento técnico, com montagem adequada e profissionais especializados



Rua da Baía, 1075 — Fone 2 1960



SENHORINHA MARIA AUXILIADORA FERNANDES GELAPE, DE NOSSA SOCIEDADE



FLAGRAN

Ernesto Dorneles
MINAS TENIS

PUBLICAREMOS sempre em nossas páginas flagrantes que representam a história do "Minas Tênis Clube", na sua vida já coberta de glórias.



Não há visitante ilustre que aporte a esta Capital que não vá até o "Minas" e que não saia de lá maravilhado pelo que vê.

Nestas páginas estampam-se instantâneos que re-

TES

na História do
CLUBE



Ernesto Dorneles, atual Interventor do Rio Grande do Sul, e cuja passagem pelo "Minas" deixou uma memória que jámais se apagará.



gistraram dessas visitas — principalmente a de d. Duarte Nuno, herdeiro presuntivo da coroa de Portugal.

Estas fotografias foram feitas no tempo em que presidia o "Minas" o Tte. Cel.



LONGE, a crista do velho monte emerge da meia-luz do crepúsculo com as curvas misteriosas de uma tela romântica... E' a Serra do Curral, a montanha lendária, vinculada à história destas paragens. E' toda ferro, a sua ganga parda ali está para atestá-lo. No recesso, haverá ouro, metais e pedras as... Aqui fora, estas furnas silenciosas, recôncavos e saltos, que vão cambiando de colorido a cada hora do dia.

Lá, a vegetação é selvagem, retorcida e raquítica. Mas a montanha vem-se esbatendo pelas encostas suaves, em direção das várzeas, dos descampados. A terra se adoça a pouco e pouco, a vegetação é mais verde, as ramagens se enguirlandam de flores. E' de ver-se, então, nas tardes vergilianas de primavera, a encosta da montanha.

Cobre-se toda de amarelo, de um amarelo vivo forte — é um tapete de flores, a meia altura,





SENHORINHA JUREMA FARI FERREIRA
DA SOCIEDADE CARIOCA



TENIS,

o Esporte Elegante





ja um esporte para pessoas frágeis. Ele não dispensa energia, destreza, força.

As moças que o praticam tornam-se mais esbeltas, mais rítmicas e graciosas ao andarem... Os rapazes ficam mais cavalheirescos.

Não é, no entanto, esporte só da juventude. Rockefeller, octogenário, jogava tênis todos os dias, e dizem que Ford tem nesse jogo a sua oração de todas as manhãs...

Nas fotografias destas páginas se vêem tenistas em animadas partidas nos courts do "Minas Tênis Clube".



ENTRE todos os esportes é o tênis o mais aristocrático. E' o esporte dos príncipes. Não obstante, é próprio de um país essencialmente democrático — os Estados Unidos. Poderíamos d'zer, então — é o esporte em que os príncipes se democratizam...

A verdade é que o tênis requer, para ser bem jogado, elegância em tudo — nos gestos, nos saltos, nos passos e até no vestuário... Isto não quer dizer, porém, que se-



BRAHMA - CHOPP

EM GARRAFAS

a cerveja mais preferida

O MINAS TENIS CLUBE E SEUS NOVE ANOS DE VIDA

O "Minas Tênis Clube" acaba de comemorar festivamente o seu 9.º aniversário. A data não foi auspiciosa unicamente para aquela agremiação: toda a cidade e — por que não dizer? — todo o Estado viveu aquela data, que lembra um dos motivos de orgulho da terra mineira.

A organização do "Minas Tênis Clube" é, realmente, grandiosa. Ocupando todo um quarteirão da cidade, num belíssimo ponto do Bairro de Santo Antônio, ali tem a sua sede, a sua piscina cercada de arquibancadas, o tanque de recreio infantil, os campos de vários esportes, o *play-ground*.

Contam-se vários departamentos — natação, tênis, voleibol, esgrima, bola ao cesto, educação física infantil, educação física feminina, educação física masculina, pingue-pongue, xadrez, badminton. Possui duas bibliotecas, uma delas in-

fantil, para filhos dos sócios denominada "Caio Martins", um moderníssimo departamento de fisioterapia, com instalações completas para senhoras e senhores, banhos de luz, duchas escocesas, circulares, sob massagens, banhos de ar quente, etc. No prédio da sede está instalado um salão de beleza para as senhoras e famílias dos sócios, além de um moderno salão de barbeiro e cabeleireiro. Há nele, ainda um salão de sinuca e o amplo e elegante salão de restaurante, em estilo marajoara.

De acordo com as últimas estatísticas, possui o "Minas" atualmente 7.975 sócios, assim distribuídos: 3125 sócios individuais, 4850 sócios da série familiar.

No decorrer do ano de 1943, o clube foi frequentado por 196.817 pessoas e destas 155.473 praticaram esportes.

LIVRARIA INCONFIDÊNCIA

**ANTE OS SEUS MOSTRUARIOS DESFILA
A INTELLECTUALIDADE MINEIRA**

MEDICINA

DIREITO

ENGENHARIA

LITERATURA

LIVROS ESTRANGEIROS — LIVROS ESCOLARES

SERVICO RÁPIDO PELO SISTEMA DE REEMBOLSO

RUA DA BAHIA, 1022

FONE 2-6983

BELO HORIZONTE

Um fim de ano movimentado

OS ACONTECIMENTOS ARTISTICOS E CULTURAIS DA CIDADE • A EXPOSIÇÃO DO LIVRO INFANTIL

Um expressivo testemunho do nosso zelo pela educação das crianças foi a exposição de literatura infantil realizada neste fim de ano no Edifício Mariana. A leitura, atividade importantíssima na formação do espírito da criança e do adolescente, não é questão menosprezada entre nós. Lêem muito os nossos garotos. É certo que nem sempre lêem o melhor, mas há nos pais, quase sempre, a preocupação de dar boa leitura aos filhos. A exposição reuniu centenas de volumes, que ficaram ao alcance da consulta dos visitantes, aliás, numerosíssimos.

A exposição não selecionou livros; puderam concorrer livremente todos os que editaram obras no gênero. O exame do que lá havia coube aos interessados. O ideal seria uma exposição selecionada, ou, pelo menos, que se acompanhasse de um catálogo, em que o próprio mérito dos trabalhos viesse assinalado. Isso não foi, entretanto, possível, para essa primeira exposição. E é difícil, mesmo.

Mas não há negar a utilidade do certame, e os que o organizaram só merecem louvores.

EXPOSIÇÃO E CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

Junto à exposição de livros se efetuou, também, uma exposição de desenhos infantis.

As paredes do grande salão de exposição do Edifício Mariana ficaram forradas de interessantíssimos desenhos das crianças da cidade. Havia, por exemplo, os curiosos trabalhos dos menores do Instituto Pestalozzi educados na Fazenda do Rosário, desenhos que impressionaram pela sua espontaneidade e pelas revelações psicológicas que continham.

No dia 3 de dezembro se realizou, em salas da Escola Normal, o concurso a que concorreram crianças de idade pré-escolar, do curso primário e das duas primeiras séries do curso ginasial. A importância dessa experiência, com tôdas as observações de ordem pedagógica que dela se podem tirar, é desnecessário salientar.

Aos pequenos que obtiveram melhor classificação nesse concurso foram oferecidos magníficos prêmios. A comissão julgadora era composta da professora Helena Antipoff, da escultora Jeane Milde e do desenhista Rocha.

CECILIA MEIRELES

Para pronunciar uma conferência na inauguração da Exposição de Livros Infantis, esteve nesta capital a gloriosa poetisa brasileira Cecília Meireles. Nome admirado e festejado em todo o país, Cecília Meireles foi cercada, em Belo

Horizonte das atenções de seus muitos admiradores, satisfeitos de ver entre nós a poetisa e de render-lhe de perto as suas homenagens.

A conferência que a poetisa pronunciou na Exposição, sobre literatura infantil, é um trabalho magistral, a começar pela linguagem, feita de precisão e elegância.

Mas o assunto foi estudado em todos os seus pormenores, com muita elevação, mostrando-se a conferencista perfeita conhecedora dos problemas, que nunca deixava sem solução.

Foi uma noite inesquecível, aquela, para quantos tiveram a oportunidade feliz de ouvir a poetisa.

Entre as homenagens feitas a Cecília Meireles, houve um almoço no late, oferecido pelo prefeito da Capital.

NICANOR MIRANDA

A conferência que a poetisa ve nesta Capital o professor Nicanor Miranda, Diretor da Divisão de Parques de Recreio de São Paulo, invejável organização educacional mantida por aquela grande cidade. O conhecido educador paulista se fez ouvir várias vezes no recinto da Exposição de Livros Infantis, mas, entre tôdas as suas conferências a que suscitou mais interesse nesta cidade foi



Modenesi
lustres - novidades - presentes
RUA DA BAHIA, 1016 - CAIXA POSTAL 100 - FONE 2-6606 - B. HORIZONTE

MODENESI
cumprimenta seus
distintos amigos e
fregueses, desejando-lhes
felicidade e prosperidade
ANO NOVO.

a pronunciada na Escola Normal sobre "A dança". Crítico dessa arte e conhecedor profundo da teoria e da história da dança, a sua conferência, entusiasmamente aplaudida, constituiu uma utilíssima contribuição no sentido do melhor conhecimento, por parte do nosso público, da belíssima arte que, por certo, será uma das que constantemente teremos oportunidade de apreciar e aplaudir em nosso grande teatro em construção.

Espírito muito culto e informado, admirável "causer", mostrando-se sincero amigo dos mineiros, o professor Nicanor Miranda, nos breves dias que aqui passou, despertou a admiração, a simpatia e a amizade de uma larga roda de intelectuais e figuras de nossa sociedade.

DORINHA COSTA

A conferência do professor Nicanor Miranda sobre "A dança" foi ilustrada por Dorinha Costa, 1.^a solista do corpo infantil de bailado do Teatro Municipal de São Paulo. Um deslumbramento, essa menina de treze anos. Graciosa de corpo e de expressão, dominadora de uma técnica assombrosa para a sua idade, Dorinha empolgou o público que a viu dançar em nossa Escola Normal. Ilustrando a conferência, Dorinha exibiu os principais passos e passagens da dança geralmente denominada clássica, além de dois belíssimos solos, um de Délibes e outro de Mendelssohn, do "Sonho de uma noite de verão".

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE JAN ZACH

Num dos salões do Edifício Mariana esteve exposta uma pequena mas escolhida coleção de quadros do famoso pintor checoslovaco Jan Zach. Os que ainda não conheciam a arte desse jovem e foram ver-lhe agora os quadros, tiveram a viva confirmação de sua fama, através daquelas telas fortes, providas de um temperamento original, de um artista sensibilíssimo, seguro de sua técnica. Jan Zach é acima de tudo pintor de retrato.

A SINFÔNICA

A Sociedade Sinfônica de Belo Horizonte deu no Metrópole,

a 20 de setembro, o seu último concerto de 1944. Mantive, portanto, até o fim, sem discrepância, a série de seus concertos mensais. E o que se notou foi o progresso crescente de virtuosidade do nosso querido conjunto de musicistas.

Esse progresso, verificado de audição para audição, se deve, em grande parte, ao competente diretor da orquestra, o maestro e compositor belga Artur Bosmans. Quando vem a público, o maestro traz o seu numeroso grupo de musicistas impecavelmente ensaiado sob rigoroso apuro técnico, e a sua batuta arranca os mais lindos efeitos das peças de seus programas, que, diga-se de passagem, têm sido escolhidos com muito gosto e oportunidade. O maestro Bosmans, porém, se caracteriza pela sua sobriedade — não é espetacular e exibicionista, mas honesto e consciente nas suas interpretações.

Sendo também um inspirado compositor, o maestro Bosmans já nos deu a conhecer, através de sua orquestra, duas de suas composições, uma delas, *Suite en bleu*, no penúltimo concerto deste ano. É uma obra moderna, música muito graciosa e inspirada.

CURSO GUIGNARD

Guignard, com o seu esfuante entusiasmo e a grande capacidade de seu talento, tem conseguido maravilhas dos seus alunos de Belo Horizonte. Moços de vocação (e algumas figuras respeitáveis de nossa vida social) agruparam-se em torno do grande pintor e têm progredido alvareiramente, no desenho e na pintura. Prova disso é a exposição que acabam de fazer na Edifício Mariana. Centenas de desenhos e algumas telas de valor foram expostas a público, ali, revelando uma série de promissoras vocações ao público numeroso que ocorreu em visita à exposição.

AUDIÇÕES MUSICAIS

Nos vários cursos de piano e canto existentes na cidade é costume dar-se uma audição de alunos no fim do ano. São recitais que atraem o interesse de nossa sociedade e demons-

tram o desenvolvimento artístico de nossa juventude.

Entre os numerosos recitais desse gênero a que assistimos neste dezembro, destacam-se os realizados pelos alunos do Conservatório Mineiro de Música, alunos das professoras Honórina Prates Campos, Eugênia Bracher Lobo, Jupira Duffles Barreto, Desdêmona Magon Severo. São também tradicionais os espetáculos de bailado promovidos pelas professoras Natália Lessa e Guiomar Becker. Os que essas distintas professoras realizaram este ano com os seus respectivos cursos, no Cine Brasil, foram belíssimos, e a eles assistiu numeroso público.

AS FORMATURAS

A vida universitária e colegial da cidade é intensa e caracteriza, mesmo, esta Capital. Por isso, todos os anos em dezembro se sucedem as solenidades de formatura, e são festas que movimentam os nossos salões, mobilizando todas as figuras da sociedade belorizontina. Há a formatura dos que terminam o curso primário nos grupos escolares, e que este ano foram cerca de três mil, recebendo diplomas todos juntos, de uma só vez, no Estádio Paisandu sob o paraninfo do governador do Estado; há os que terminam o curso secundário e o normal, e, finalmente, os que recebem o grau de doutor, nas escolas superiores.

As festas de formatura põem em atividade todo mundo, nesta Capital, cada fim de ano. E os que mais trabalham são os alfaiates, as costureiras, os ourives, fabricando anéis de grau... e os doceiros, que recebem numerosas encomendas para as festas de noivado dos novos doutores.

*

UM DEMÔNIO INVISÍVEL

Ainda não se conseguiu identificar o germe da varíola. Sabe-se, contudo, que o elemento infectante elimina-se pelas lesões da pele e pelas secreções do nariz, garganta e boca, bem como que é um vírus filtrável.

Não visite doentes de varíola ou alastrim, nem pegue em objetos que eles possam ter contaminado. SNES.

Sua elegância

DEPENDE
CRANDEMENTE
DE UMA MEDIDA
EXATA



ALIADA A' SELEÇÃO DE
PADRÕES MODERNOS

- LINHOS
- TROPICAIS
- CASIMIRAS NACIONAIS e
ESTRANGEIRAS.

Fosias

ALFAIATE

ED. MARIANA - 1º AND. - TELEF. 2 - 0047

Joaltharia Teixeira

Um 1945 próspero e feliz, são os votos de
Irmãos Teixeira Neves aos seus amigos e fregueses.

Avenida Afonso Pena, 505

Dr. José Mota Soares

Acaba de assumir a direção de publicidade da revista MINAS TÊNIS o dr. José Mota Soares, moço muito distinto e relacionado nas rodas sociais desta Capital.

Justamente agora que se está promovendo a ampliação deste periódico, resolveu-se convidá-lo para, com o seu dinamismo e a sua competência, incumbir-se deste setor difícil e importante de uma publicação do gênero de MINAS TÊNIS.

Estamos certos de que os nossos caros e distintos anunciantes estarão satisfeitos com esta resolução, que os porá em contacto com um cavalheiro de finíssimo trato e absoluta idoneidade.



SAPATARIA METRO



No comércio de calçados da formosa Capital de Minas sobressai uma casa — a SAPATARIA METRO, da qual já disse um poeta:

“A SAPATARIA METRO
ENTRE AS DEMAIS TEM O CETRO”.

Em verdade, tudo é fidalguia nessa casa — desde a escolha dos modelos, isto é, sempre os mais modernos e de melhor gosto, até os seus processos de negócio, que são os mais corretos, e a maneira de tratar a sua freguesia de elite.

Nas vitrinas do estabelecimento e em suas prateleiras estão constantemente os calçados da moda, os modelos da estação. Os elementos femininos da nossa alta sociedade pisam os salões de festa e os passeios das nossas avenidas calçando os elegantes sapatos que só a SAPATARIA METRO sabe oferecer-lhes.

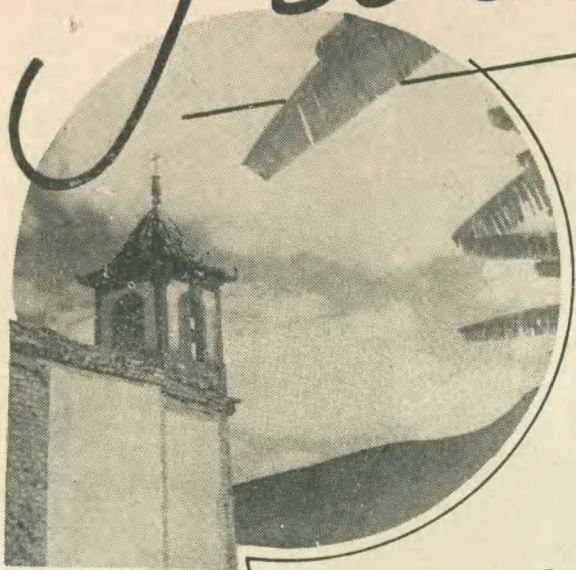
Tôda a sua escolhida freguesia conhece e louva os principais predicados dessa casa — novidades, bom gosto, conforto e modicidade de preços.

RUA S. PAULO, 622 — TEL. 2-3360



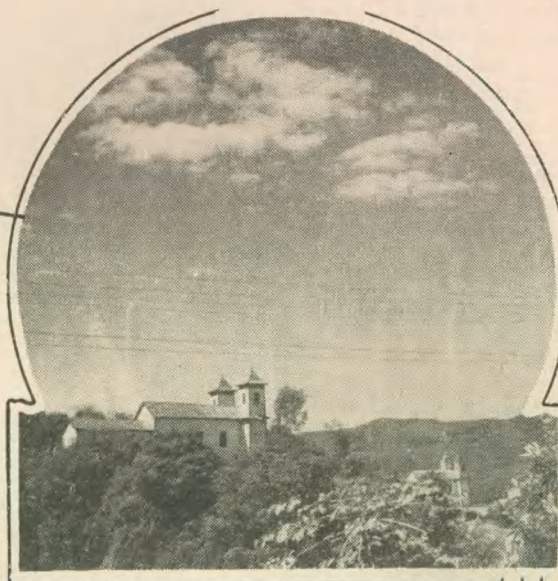
Turismo

Parece que na velha Sabará vive a alma do Brasil colonial. Respira-se ali o aroma da



nossa arte antiga, nas
casas vetustas, nas igre-
jas seculares.
Aleijadinho, o gênio
sem mãos, deixou em





cada canto da cidade
lendária, um pouco de
seu sonho.
Sabará, nos seus mo-
numentos, nas suas re-

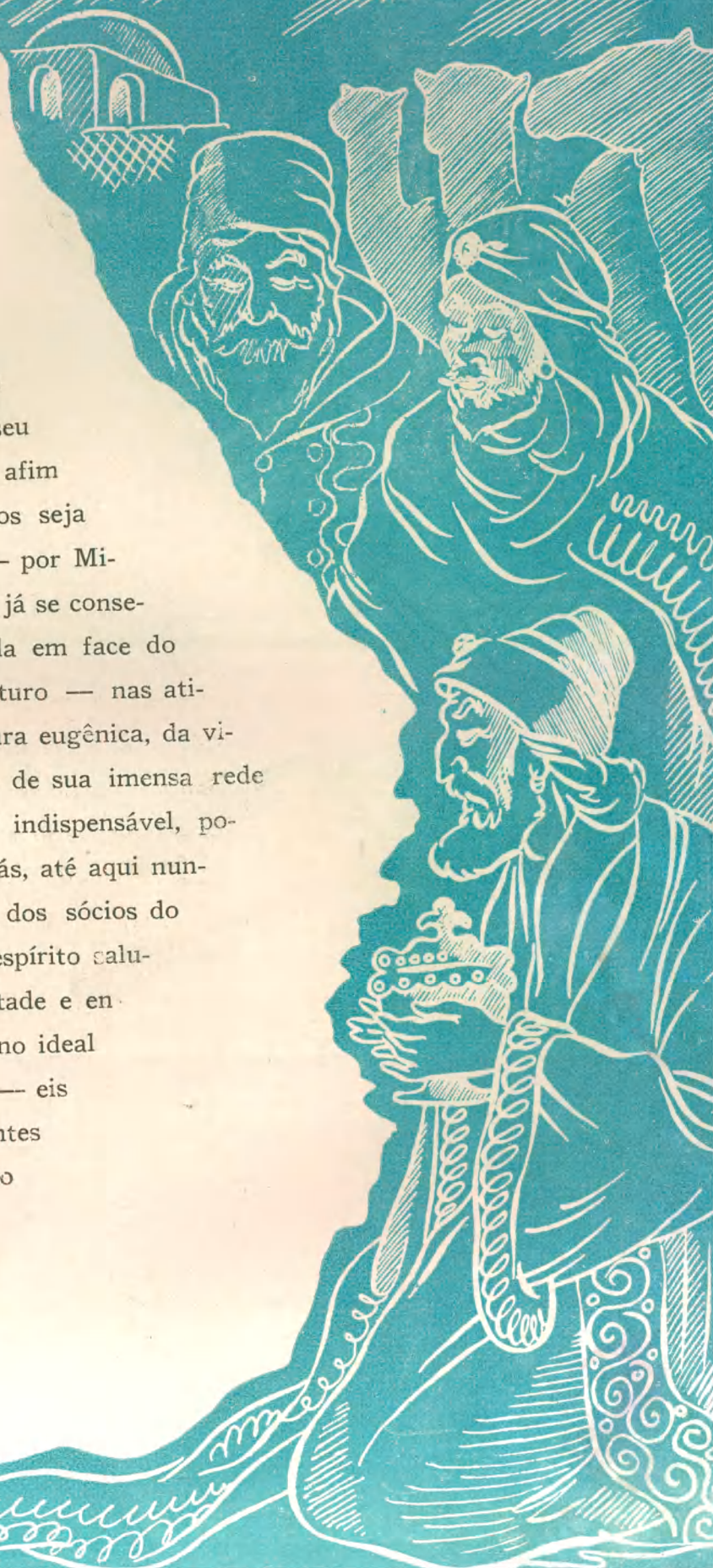


líquias, no que ela é de
Brasil — eis uma cida-
de que deveríamos ado-
rar de joelhos...



No dealbar do Ano Novo, em que os corações re-florescem de esperanças, a Diretoria do "Minas Tênis Clube" dirige-se a todos os associados da querida agremiação para manifestar-lhes os seus sinceros e calorosos votos de Boas-Festas! Do ano que finda, não se tem que lamentar, nos domínios do "Minas Tênis Clube". A sua trajetória prosseguiu na bela ascendência de vitórias e de prosperidade que lhe tem marcado a existência de nove anos. E' por isso que a Diretoria se considera feliz nesta oportunidade que se lhe depara de, através das páginas da revista MINAS TÊNIS, cumprimentar todos os associados, desejando-lhes as maiores venturas para o Ano Novo, para o esperançoso ano de 1945, que se anuncia como o realizador dos melhores anseios da humanidade! Com êstes votos vão, também, os agradecimentos da Diretoria pelo apôio com que indefectivamente contou entre

os sócios do “Minas Tênis Clube”. Que os projetos da Diretoria continuem a ser os projetos de cada um dos que compõem o seu enorme corpo de associados, afim de que a conjunção de esforços seja a força vencedora do Clube — por Minas e pelo Brasil! Tudo o que já se conseguiu nestes nove anos é nada em face do que se aspira a realizar no futuro — nas atividades dos esportes, da cultura eugênica, da vida social, do conagraçamento de sua imensa rede de associados e amigos. E’ indispensável, porém, a cooperação — que, aliás, até aqui nunca faltou — de um por um dos sócios do “Minas Tênis Clube”, num espírito salutar de compreensão, boa-vontade e entusiasmo. Que 1945 seja o ano ideal de todos os “minastenistas” — eis as aspirações sinceras e ardentes de sua Diretoria! Ao novo ano de 1945, o hurra festivo e ressoante do MINAS TENIS CLUBE!





**BOAS - FESTAS
e FELIZ ANO NOVO**

O SANTA TERESA HOTEL

está augurando aos seus inúmeros
amigos e pensionistas, um próspero
ANO NOVO.

Rua Tupinambás, 643 — Belo Horizonte

Ao findar-se o ano de 1944 a

A MÃO FELIZ se dirige aos seus
amigos, cumprimentando-os e for-
mulando os melhores votos de mui-
ta saúde e chance em 1945.

A MÃO FELIZ e... dinheiro no bolso!

Rua Rio de Janeiro, 474

MODAS E PELES

Costumes - Manteaux - Atelier Próprio

ACEITAM ENCOMENDAS

A VANTAJOSA

JACOB FERMANN

deseja aos seus inúmeros fregueses um
FELIZ ANO NOVO

Rua Carijós, 450 — Tel. 2-3920 — Belo Horizonte

A INDUSTRIAL MINEIRA

(Casa Laqué)

Fábrica de Móveis de todos os estilos — Lustra-
dos e laqueados — deseja um feliz ANO NOVO
aos seus amigos e fregueses.

Loja e escritório: Bahia 1176

Belo Horizonte

★
**OSWALDO
DURAN**

GRAVADOR

deseja aos seus amigos
um **FELIZ ANO NOVO**



Votos de BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO aos seus amigos e fre-
gueses, dos

IRMÃOS NATALI

RUA TUPÍ, 1030

FONE 2-4362

BELO HORIZONTE

RELOJOARIA CRUZEIRO

OURIVESARIA
Consertos de joias e relógios

NATALINO PROSDOCIMI

deseja aos seus inúmeros fregueses e amigos um
feliz ANO NOVO

RUA ESPÍRITO SANTO, 528 — FONE 2-6728
BELO HORIZONTE

ROCHA

desenhista ilustrador das
Revistas:

MINAS TENIS
ALTEROSA
ERA UMA VEZ...
BELO HORIZONTE
REVISTA DA
PRODUÇÃO e dos
DIÁRIOS ASSOCIADOS

Rua Espírito Santo, 621
1.º andar — Sala 4

Organização A. Machado

Casemiras, Confeção Fina

deseja aos seus inúmeros fregueses e ami-
gos um FELIZ ANO NOVO

Av. Afonso Pena, 550 (sobrado) — Fone 2-5643

A. DE MARCO

JOALHEIRO

Deseja aos seus amigos e fregueses Boas
Festas e um feliz e próspero ANO NOVO

Rua Tupinambás, 440 (Próximo à Praça 7)
Telefone 2-5055 — Belo Horizonte

Fotogravura Minas Gerais Ltda.

deseja aos seus inúmeros
amigos e fregueses um
FELIZ ANO NOVO

ORGANIZAÇÃO

C. J. FERNANDES

FERNANDES & CIA. LTDA.

AMADEU FERNANDES e GAS-
TÃO FERNANDES DOS SANTOS
REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS

desejam aos seus inúmeros fregueses
e amigos um próspero ANO NOVO
Rua Espírito Santo, 480 - 1.º andar - Sala 6
Telefone 2-1631 — Belo Horizonte

A FOTÓTICA

SECÇÃO DE ÓTICA

deseja aos seus inúmeros clientes e amigos um FELIZ ANO NOVO

Rua Rio de Janeiro, 430 (Edifício Capichaba)

Belo Horizonte

Garotada do Minas Tennis Clube

CONCLUSÃO

NATAL

Nesta bela noite comemoramos o nascimento do Menino Jesus.

Ele nasceu numa gruta fria, na caminha de palha.

Que linda é a noite de Natal!

Nesta noite o Menino Jesus manda bons presentes para as crianças. Bolas, petecas, bonecas, automóveis e carrinhos.

Para os meninos é um grande dia o Natal.

Mamãe sempre faz uma árvore de Natal, muito bonita.

Estou aflita que chegue esse dia, que já está bem pertinho.

Viva o Menino Jesus!

Viva!

Eliana Andrade Rodrigues.

*

Descrição de um quadro

Era u'a manhã clara e radiosa.

O sol, com os seus raios incandescentes, parecia beijar a natureza em festa.

Os passarinhos formavam maravilhosa orquestra com o seu suave cric... cric... cric...

As borboletas, voejando daqui para ali, davam a impressão de quererem ornar mais ainda a terra como lanterninhas multicores.

A suave brisa passava balouçando as plantinhas verdes e orvalhadas.

Enquanto tudo isso se passava, em uma humilde casita, duas saudias crianças divertiam-se sossegadamente.

Apesar de serem pobres, vivem satisfeitos, pois ainda possuem o seu maior tesouro: sua mãe, que é uma senhora carinhosa e gentil.

Esta acha-se sentada sobre u'a mesa e ao lado da mesa há dois bancos rústicos de madeira; em um dos bancos acha-se o menino e no outro a menina.

O menino, muito sério, olha a sua irmãzinha, pois quer pintá-la juntamente com uma loura bonequinha.

A mãezinha olha docemente seu filho e pensa: — Este menino será um grande pintor. Que Deus o proteja!

Vera Lúcia S. T. Salles.



deseja aos seus inúmeros frequentes um feliz ANO NOVO

Natal do escravo

IRACEMA SALLES

Muito longe... noutra margem,
Comprara o velho Rebouça
A mãe de Ricardo, o pagem
Do filho da Sinhá Moça.

Natal! Não há quem não ande
Pra lá, pra cá, sons festivos,
Da serzala à casa grande,
Tudo são preparativos.

Umbras sombrinhas lampeiras,
O pagem e o sinhôzinho,
Deixando em paz as doceiras
Vão conversar num cantinho.

Feito um sol de claridade
Disse a Mamãe que ele vem.
Alguma coisa ele ha de
Trazer para ti também.

— Que queres, Ricardo? Fala
que Nosso Senhor não é mau
Um chicotinho que estala,
Uma bola, um birimbau?

— Nem birimbau e nem bola
Pai do Céu é bom, tem dó,

Pois nêgo tem na cachola
Outra coisa ma's mió.

Ele qué, sabe, Ioiô?
E' de vagarinho jueiá.
Pidi pra Nosso Sinhô
Pra Mãe Vicência vortá.

*

AMABILIDADE PERIGOSA

Antes do aparecimento da erupção já se transmitem a varíola, o alastrim, a varicela (catapora) e outras febres eruptivas. O mesmo acontece durante toda a evolução dessas doenças e até alguns dias depois da descamação ou da queda das crostas. O contágio faz-se do doente ao indivíduo são, diretamente ou por meio de objetos recentemente poluídos pelo doente.

Não visite doentes e convalescentes de febres eruptivas.

Banco Financial da Produção S. A.

Capital Cr\$20.000.000,00

Avenida Afonso Pena, 571

PAGA AS MELHORES TAXAS DE JUROS

ABERTO ATÉ 17 HORAS

VIDROS
Artigos Religiosos

ESPELHOS
Artigos para Pinturas

MOLDURAS
Artigos para presentes

C V B

CASA SANTOS SEABRA

CIA. COMERCIAL DE VIDROS DO BRASIL

COLOCAM-SE VIDROS

VITRAIS - CRISTALIQUE

VIDROS EM GERAL

METAIS PARA VITRINES

FABRICA DE ESPELHOS

RUA SÃO PAULO, 361

TELS. { LOJA 2-3713
 { ESCRIT. 2-0596

End. Teleg. "VIDROS"

BELO HORIZONTE

CALÇADOS FINOS PARA HOMENS,

SENHORAS E CRIANÇAS

SAPATARIA LINHARES LTDA.

RUA SÃO PAULO, 687

AV. AMAZONAS, 560 — FONE 2-5067

BELO HORIZONTE



SENHORINHA OLGA PACHECO
DA SOCIEDADE BELORIZONTINA

Cansei de ser mulher

Conto de
BERENICE CATER

ALTair, com o telegrama entre as mãos, olhava fixamente o monte de relógios para consertos.

Fôra criada por seu avô, com quem residia e aprendera o ofício. Trabalhavam juntos, neta e avô, vivendo uma vida calma e honesta. De repente aquele telegrama veio perturbar o espírito de Altair — dizia da morte de seu pai.

Preparou as malas e abandonou o Rio.

O trem apitou fortemente e o chefe gritou: — "Belo Horizonte"! Altair não ouviu. Estava encolhida em sua poltrona, olhando a chuva que descia dentro da noite e batia de encontro à vidraça.

Chegou... Tomou um carro e seguiu rumo à velha casa paterna. As ruas estavam desertas e frias...

Bateu na porta. Surgiu uma jovem formosa e pálida. Ao dizer o nome, Altair foi fortemente abraçada e compreendeu ser aquela sua irmã Olga. Abraçadas choraram em silêncio.

Depois de ver a velha tia inconsolável, Altair voltou a conversar com sua única irmã.

A vida tornou-se áspera para aquela família...

Olga tinha apenas dezoito anos, isto é, menos quatro que ela e não sabia ler nem escrever. Era, pois, impossível arranjar-lhe emprego. Sua tia, muito velhinha e doente, não podia viajar.

A situação era trágica e Altair só achou uma solução: vestir-se de homem.

Não seria difícil viver assim,

pois fôra registrada com o sexo masculino — engano que havia causado sua ida para a casa do avô...

Passaram-se três meses após o falecimento do velho barbeiro Tobias; no entanto, o ritmo da barbearia Glória marchava normalmente. Altair era mestre nos mistérios de corte e barba.

Aprendera com seu avô desde pequenina, fazendo-lhe a barba, cortando-lhe os cabelos. Era mais ativa que os dois oficiais e preferida pelos fregueses, que a achavam "um rapaz inteligente e ligeiro".

Todos os dias, às mesmas horas em que Olga ia levar o almôço de Altair, Jorge lá estava. Era um dos amigos de Altair e, em pouco tempo, tornou-se namorado de Olga.

Em companhia dele, Altair frequentava os cafés e clubes da cidade.

Certo dia, palestravam os dois amigos, quando Jorge confessou que amava Olga.

Altair sentiu-se chocada e não

pôde trabalhar o resto do dia. Sim, porque o amava, descabidamente.

Vestira-se de homem afim de sustentar a família, perdendo, assim, o direito de amar, o direito de ser humana...

Chegando a casa à noite, Altair notou que Olga estava estranhamente alegre. Interpelou-a: a irmã prometera casamento ao vizinho, casar-se-iam dentro de três meses.

Altair passou a noite agitada, entre feliz e receiosa.

Feliz porque não precisaria renunciar ao seu amor.

Receiosa por não saber como deveria confessá-lo.

Resolven abrir o coração a Jorge. Dir-lhe-ia tudo, a sua farça e o seu amor, e seriam, então, felizes. Levantou-se mais cedo que de costume e tomou o rumo da barbearia. Ao levantar a porta deparou-se-lhe no chão um papelzinho dobrado... Apanhou-o e leu o seguinte:

"Prezado amigo Altair:

Ontem, depois que me despedi

★ A CASA TITAN deseja aos seus inúmeros amigos e fregueses um feliz ANO NOVO.

CASA TITAN

GONÇALVES, QUINA & CIA.

AVENIDA AFONSO PENA N.º 591 — FONE 2-1916
BELO HORIZONTE

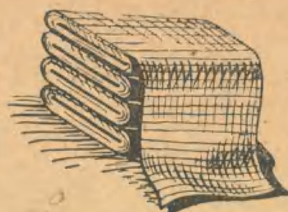
Importadores das máquinas de escrever e somar UNDERWOOD. Cofres Titan, arquivos de aço e artigos de escritório. Distribuidores dos famosos produtos RCA VICTOR e dos Refrigeradores FRIGIDAIRE.

BAZAR SÃO JOSE'

PERFUMARIA, ARMARINHO, PAPÉIS DE TODOS OS TIPOS, LIVROS COMERCIAIS E OBJETOS PARA ESCRITÓRIO, ETC. — OS MENORES PREÇOS DA PRAÇA

Av. Afonso Pena, 543 ● Telefone 2-2668 ● Belo Horizonte

SEMPRE
Novidades



MUNDO DAS CASEMIRAS — G. Oliveira & Cia.

COMPLETO SORTIMENTO DE
CASEMIRAS, LINHOS, TROPICAIS, "RAYONS" E "ALBENE"

AV. AMAZONAS, 544 -- SEMPRE NOVIDADES -- BELO HORIZONTE

de você, recebi uma carta escrita por estranho, a mando de sua irmã.

Nela Olga diz que nunca me amou e que se casará com outro dentro de pouco tempo. Estou louco. E'-me impossível resistir.

Parto para bem longe e aqui jamais voltarei.

Adeus e abraços do sincero amigo,

Jorge.

Altair sentiu-se cansada e doente. O bilhete estava datado de 10 de outubro de 1944, portanto fôra escrito naquele mesmo dia.

Caminhou até ao cofre, abriu-o, revolveu os papéis e objetos que se amontoavam, quando qualquer coisa caiu a seus pés: era o seu diário. Olhou-o insensível, mas, ao levantá-lo, estremeceu.

A página estava aberta no dia 10 de outubro de 1943 e, nesse dia, havia escrito apenas na folha branca, uma frase:

"CANSEI DE SER MULHER".

NOTA SOCIAL

Transcorreu brilhantíssima a festa realizada no Hotel Santa Tereza, no dia 9 de Dezembro do corrente ano, em benefício das **Forças Expedicionárias**.

Amplamente divulgada pela imprensa, a festa em aprego reuniu o que ha de mais seleta em nossa sociedade.

Comparecendo pessoalmente ante a Comissão Central, o sr. Antonio Dias Pereira fez a entrega de 50% da renda do festival pró-combatente, o que foi feito solenemente.

*

CONFGO BUENO DE S'QUEIRA

O conto magistral "O outro Papá Noel", que publicamos em páginas deste número é de autoria do nosso ilustre colaborador Cônego Bueno da Sequeira, festejado homem de letras, humanista e sacerdote de grandes virtudes. Por um erro tipográfico muito lamentável, do nome do autor foi omitido o título eclesiástico, além de uma troca de letras no sobrenome.

Por êsse engano pedimos desculpas ao nosso distinto colaborador e aos amáveis leitores.

SE A MORTE NÃO CHEGA ANTES...

A varíola começa bruscamente, com dor de cabeça, dores pelo corpo, vômitos e febre alta de 39 a 40 graus. No fim do 2.º ou 3.º dia, começam a aparecer pequenas manchas, um pouco salientes e de coloração vermelho-pálida: são as "máculas". Estas se transformam em pequenas papúlas que, depois se apresentam cheias de um líquido incolor, as "vesículas". A partir do 7.º dia, contado do início da doença, as vesículas se transformam em pústulas: Estas, em seguida, secam, formando crostas pardo-escuras que deixam cicatrizes profundas quando se desprendem.

Em presença de um caso suspeito de varíola, imediatamente chame o médico ou avise o Centro de Saúde ou o Posto de Higiene mais próximo. SNES.

FABRICA DE ROUPAS

ABDALLA FARAH

CAMISAS, CUECAS, PIJAMAS, TERNOS e CALÇAS por ATACADO

RUA CAETÊS, 369

-- BELO HORIZONTE

SUGESTÕES DO NATAL

J. G. MINEIRO

A primeira vez que assisti à missa do galo — saudade! — andava pela época feliz de uns oito anos cor-de-rosa... Em cada ano chorava por que lá me levassem. Mas, chorava e dormia, de sorte que saíram de manso, enquanto eu lá ficava, em companhia de um gato e de uma velha negra, dormitando o sono descuidoso e ludibriado da minha ingenuidade...

Nessa noite, porém, noite calma, aluarada e feliz, fiz tudo por manter aberto um olho arregalado e vigilante, afim de que me não engazopassem... E lá fui, satisfeito e sonolento, pela mão de minha mãe.

Grupos risonhos e morosos iam galgando a ladeira da igreja, que, toda iluminada, pompeava, lá em cima... Galos, a quando e quando, clarinavam. E em os ouvindo, indagava, comigo: "Será este?"

Entramos na igreja. Deslumbramento meu ao ver o Menino no seu berço pobre, e a vaquinha, e a estrêla, e o burrinho... Esperei cochilando aparecesse, ao pé do altar, o velho galo, um galo grande, que, a jeito de padre, devia dizer a missa nessa noite.

Desilusão! foi o próprio padre Angelo quem, como de costume, disse a missa domingueira, de sempre...

Com que tristeza — e também com que sono — desci, pela mão de minha mãe, a ladeira da igreja, nessa noite calma, aluarada e feliz!

Foi, talvez, a minha primeira desilusão.

✱

Foi por uma noite de Natal que nos conhecemos... No largo da igreja, frondosa e arreada de lantejoulas, a árvore de Natal reunia, ao pé de si, uma multidão contente e buliçosa. Crianças cantavam, pulavam, cirandavam... E eu a vi, risonha e fresca, no seu vestido branco, de rendas, branca também, como uma flor-de-maravilha, de carne... Falamos-nos.

LOUÇAS — FERRAGENS — CRISTAIS
— ALUMINIO — CUTELARIA —
ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES

CASA CAPICHABA

Filial: Av. Afonso Pena, 315-321 — Fone 2-5631 (esquina de Caetés)

Rua Curitiba, 506

Depois... Mas ela era uma criança! E eu que era?

Tudo passa... E a menina mais depressa do que tudo!

✱

Narciso, o tocador de flauta... Negro, baixo, gordo, de barbicha, cigarro de palha atrás da orelha... A meninada, divertida, ia atrás dele para ouvi-lo na sua flauta de fôlha de 200 réis... Com habilidade, executava, em gorjeios, em tridulos, valsas e polcas, de sua lavra... E até — execução de gala — o hino nacional... Era gosto ouvi-lo!

Nessa noite, festiva e ruidosa, de Natal, iam todos levar ao

presépio a sua oferta e sua dádiva — não de ouro e mirra, como os Magos — mas, em todo caso, levavam... E Jesus, ainda assim, sorria, agradecido...

E o Narciso também chegou. Que levaria ao presépio o pobre tocador de flauta?

Não tinha nada, nada de seu...

E o Narciso, em se aproximando, pegou de sua flauta de fôlha e arrancou, em tridulos, em gorjeios, com todo o sentimento, o hino nacional! Depois, pegou de sua flauta de fôlha e a depositou com todo o respeito no presépio... E, fazendo o sinal da cruz, lá se foi...

HOTEL MACEDO

EXCLUSIVAMENTE FAMILIAR

•

Completamente reformado, situado no coração da Capital, junto à Praça Sete.

Dirigido pela família do proprietário

•

RUA RIO DE JANEIRO, ESQUINA DE TUPINAMBÁS

BELO HORIZONTE



Folheando os LIVROS

A. Tavares de Lacerda — DESFILE DE CIGARRAS — Irmãos Pongetti Editores, Rio, 1944.

A. Tavares de Lacerda é um poeta mineiro. Médico, residente no Rio, a sua profissão e a sua ausência de Minas não lhe anulam as duas características do seu espírito — a da poesia e a de mineiridade. O seu estro o faz cantar, e cantar na boa linguagem mineira, o linguajar do nosso sertanejo.

O poeta ilustrado que deixa a linguagem gramatical para fazer versos caipiras não é novidade para nós. Para não irmos a outros nomes menos célebres, cite-mos Catulo da Paixão Cearense, que já se contempla na sua própria estátua num dos jardins do Rio de Janeiro.

A originalidade com que o poeta A. Tavares de Lacerda nos surpreende é a de tomar os bons versos de nossos líricos de língua policiada e os transpor para o linguajar caipira. Olímpicos aédos como o Sr. Aloísio de Castro, clássicos cristalizados como Camões, figuras do misticismo de um Rabindranath Tagore, sem a menor cerimônia, são postos a falar a mesma fala do caipira autêntico de Minas.

Convém, no entanto, acentuar que, segundo sua própria explicação, não moveram ao poeta inconfessáveis intuítos, como o de ridicularização ou amesquinha-mento da poesia, dos poetas ou da própria língua que transpõe. Tendo convivido com os homens rurais destas paragens, uma forte simpatia o ligou a eles, ao caráter, à vida, aos costumes deles. Daí o querer sentir, pensar e até falar como eles. Penso não errar nestas considerações. E a prova está em que o poeta A. Tavares de Lacerda é senhor da linguagem caipira, conhece-lhe as formas, os matizes, as variantes, a essência, enfim.

Para mim, entretanto, não está

na segurança que o poeta demonstra no trato desse dialeto o maior merecimento de seu trabalho, mas no conhecimento agudíssimo que ele parece ter da alma, do sentimento desses homens rústicos. Ante uma imagem, uma expressão, portanto, de um poeta da cidade, ele sabe qual seria a imagem, a expressão correspondente no poeta da roça. Ele conhece como reagiria este ante os mesmos motivos, as mesmas causas de inspiração do poeta letrado.

E tão intensa é a comoção, a seriedade, a compenetração do poeta ao transpor os versos da cidade para os versos da roça, que raramente estes nos fazem rir, apesar de estarem nessa linguagem para nós arrevezada. Tenho a impressão de que só mesmo quando ele quer há comicidade nos seus versos.

Pois bem: A. Tavares de Lacerda criou o gênero e nele já pu-

blicou um livro inteiro — “Desfile de cigarras”, com um prefácio entusiástico de Afrânio Peixoto e transposições de dezenas dos nossos mais famosos poetas, além de poetas estrangeiros.

Apesar de todas as justificativas do autor, preferiríamos que os seus versos fossem originais, diretamente escritos na linguagem caipira, e felizmente destes ele nos promete um livro para breve.

Resta-nos agora uma transcrição, afim de que os nossos leitores que ainda não o conhecem travem relações com o poeta A. Tavares de Lacerda e a sua habilidosa maneira.

Primeiro a poesia de Cecília Meireles:

RETRATO

“Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim
[magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Cerveja Pilsener

ÓTIMO PRODUTO

da ANTARCTICA

Eu não tinha estas mãos sem
[forças
tão paradas, e frias, e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?"

Agora os versos transpostos:

"Eu sei que nunca fui bem enca-
[rado...
Mas, esta cara de hoje eu cá nun
[tinha.
— Queta, banzera e descarnada
[ansim.
Nem os óio encovado.
Nem na boca este gosto tão ruim.

Eu nun tinha as munheca ansim
[tão fraca,
Desconjuntada, frôxa e sem ação.
Êstes purso perrengue nun é meu.
Nem este coração
Que ninguém sabe adonde se es-
[condeu.

Nun dei fé da mudança que sofri,
Tão vezera que intê nem se arre-
[para.
— Adonde é que deixei ou que
[perdi.
Santo Deus! o jeitão da minha
[cara?"

Soares da Cunha — MARIA —
Belo Horizonte, 1944.

Soares da Cunha, um lírico mi-
neiro de muita espontaneidade,
publicara há um ano o seu pri-
meiro livro de versos — *Estrêla
cadente*, bem recebido pela críti-
ca e pelo público. Dá-nos agora
o poeta o seu segundo volume, ê-
ste de quadrinhas em redondilha
maior — *Maria*. São, no gênero,
de muito valor — simples, corren-
tias, inspiradas, graciosas.

E' de desejar que o poeta se
aventure a novas formas e outros
temas, para ficar mais atualizado.

Finalmente, umas três quadri-
nhas de Soares da Cunha:

"Menina, quando passares,
Cuidado com o teu pézinho:
— Não vás machucar minha alma,
que se estendeu no caminho."

"Aquela flor que me deste,
é verdade que murchou.
Mas, guardado na minha alma,
O seu perfume ficou".

"Quando vou telefonar-te,
Fico tão alvoroçado,
Que é bem possível que escutes
Meu coração do outro lado."

Natal

SAMUEL TRISTÃO

Havia, a um canto da biblio-
teca, uma arca de ferro, antiga,
à semelhança das que fazem a
vaidade de certas igrejas po-
bres e onde se guardam reli-
quias de santos.

Dentro dela o homem fecha-
va, desde a adolescência, as pá-
ginas do diário da vida que ia
vivendo.

Ora, naquela véspera do Na-
tal, o homem quis recordar o
passado. Estava velho, perdera
a memória...

Foi à arca. Abriu-a. Pousou
as mãos cansadas sobre os pa-
peis; alguns, de meses apenas;
outros, côr de fôlha morta, pa-
lavras quase desaparecidas, da-
tas longínquas.

Pôs-se a ler e a sorrir mas a
sorrir tristemente, numa doce
melancolia, numa ternura que o
tomava por todos os pensamen-
tos, por tôdas as idéias, pelos
desejos, pelos entusiasmos, pe-
los desenganos... pela dor e
pelo prazer que já não senti-
a...

Ah! a beleza das horas des-
perdiçadas!

— "Como é longa a vida!"

Cerrou a arca. Sentou-se
junto da janela aberta para os
canteiros do jardim.

A noite entrava envolta num
luar de presépio e num aroma
de lírios.

O homem, então, evocou o
seu tempo de criança. Era ago-
ra o tempo que ele mais *via*...

— "Natal... Natal... Bem
me lembro, Menino-Deus, da mi-
nha infância! Bem me lembro
da tua presença, à meia-noite,
no pequeno quarto onde eu dor-
mia... Chegavas do céu e tra-
zias tudo o que eu te pedira...
Creio em ti, ainda... E, hoje,
o que te suplico é um sono sem
acordar... Adormece-me para
sempre... Traze-me a mor-
te..."

Batiam as doze badaladas da
meia-noite.

O homem adormeceu e so-
nhou. Sonhou que começava
a vida.

E teve assim o mais feliz dos
seus natais.

REVISTA MINAS TENIS

NOTABILISE-SE

vestindo com

IRMÃOS
MENDES

os alfaiates notáveis

Rua Espírito Santo, 578

Sala 15 - 2.º andar



AS CONFERENCIAS DO CLUBE DE XADREZ

Boas Festas

Alphonso de Guimaraens



Heli Menegale pronunciando a sua conferência

O Clube de Xadrez de Belo Horizonte, numa iniciativa de grande oportunidade, promoveu uma série de conferências literárias em sua sede. Já haviam falado ali os intelectuais Alberto Deodato, Guimarães Menegale e Mário Matos. Accedendo, também, ao convite do Clube, pronunciou uma conferência naquele local, na noite de 27 de dezembro, o nosso diretor de redação, o poeta Heli Menegale, lente de português no Colégio Estadual.

Falou o nosso diretor de redação sobre "As mãos e o destino", perante uma numerosa assistência constituída de intelectuais e elementos de nossa melhor sociedade, que aplaudiram longamente o conferencista.

Saudando o poeta, falou em nome do Clube o dr. Aquiles Correia Rabelo, que produziu de improviso formoso discurso. A sessão foi presidida pelo dr. Antônio Coelho Antunes, operoso presidente do Clube de Xadrez de Belo Horizonte, a quem se deve, aliás, a situação de prosperidade e esplendor em que se encontra a simpática e prestigiada agremiação.

Boas festas! Boas festas!
Amigos, que mas enviais,
Acho-as tristes e funestas...
São rezas de funerais.

Mandar-vos quisera agora
As líras de uma canção.
No entanto, a minha alma chora
As notas de um cantochão.

Sei que é noite de alegria
Esta noite de Natal...
Que encanto a Virgem Maria
No seu presepe real!

Sorri-lhe Jesus ao colo.
E' a aurora da nova fé.
Florescem lírios no solo
Onde pisa São José.

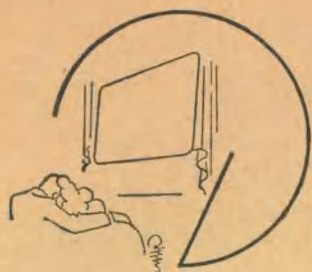
O vento açoita as palmeiras
E os sonhos fulgem ao luar...
São ilusões passageiras,
São naus perdidas no mar.

O dia primeiro do ano
E' igual ao que vem no fim...
Desengano, desengano
E' a estrada por onde vim.

Vêm depois os três Reis Mago
Beijar os pés de Jesus...
O Cruzeiro, em sinais vagos,
Estampa na terra a Cruz.

Tradições, quimeras, lendas...
Ninguém crê na eterna voz.
Que vale, Senhor, que estenda
O teu carinho até nós?

E Jesus, o Bem-Amado,
Afinal da terra exul,
Surgirá crucificado
No áureo Cruzeiro do Sul.



Depois da *matinée*

O cavalheiro, bem conceituado como é nesta Capital, foi recebido com as maiores medidas na joalheria da Avenida Afonso Pena. Se os senhores comerciantes fôsem analisar minuciosamente os fundamentos desse conceito, de certo ficariam meio desiludidos, mas a verdade é que todas as casas comerciais se lhe abrem facilmente, mal o cavalheiro assoma à porta. E não são apenas as casas comerciais, também as de família, pois ele é considerado pelas meninas casadoras e pelas prováveis sogras um excelente partido, um partidão.

Por isso é que o seu namôro com a simpática menina da subida da rua Aimorés foi assim de vento em popa. Não estavam noivos, mas comprometidos entre si, e na família dela, que fazia força para que o noivado se positivasse, o cavalheiro era recebido com todas as atenções.

Ele achou que estava na hora de dar um presente à pequena, uma joia cara, em seguida à qual o noivado viria sem dificuldades. Entrou, pois, o cavalheiro na joalheria, escolheu um lindíssimo relógio-pulseira de dois mil e quinhentos cruzeiros, mandou que o levassem à casa da subida da rua Aimorés, avisando que no dia seguinte passaria pela loja afim de fazer o pagamento.

— Pois não, doutor, não há pressa...

No dia seguinte o cavalheiro não pôde passar na loja. No fim de uma semana, em vez de o noivado efetivar-se, foi o rompimento definitivo que se deu. O cavalheiro ficou sem a noiva e... sem o relógio.

Na verdade, quem ficou sem o relógio foi a joalheria da Avenida, pois já correram muitos meses e o conceituado freguês não aparece na loja, não atende os cobradores, não salda a conta.

Os proprietários da joalheria estão desanimados.

Mas a pequena não anda sem o relógio-pulseira, que é realmente uma obra prima.

Mme. estava engordando demais. Perdera as formas, aquelas formas impecáveis que a fizeram famosa. Estava convencida, já, de que

era um castigo do céu contra a sua vaidade, porque todos a achavam formosa, mas ninguém a achava tão formosa como ela própria. Ela mesma era a maior admiradora de sua beleza.

No entanto, agora virara uma baleia, estava daquele tamanho. Já correram os melhores médicos da cidade, já fizera as mais violentas e exaustivas ginásticas, os mais severos regimes alimentares, massagens, injeções nos rins, — e nada!

Até que, afinal, o professor da Escola de Medicina, que não fôra consultado senão por acaso, numa festa, descobriu a causa daquelas banhas: mme. é extremamente calma, sossegada, bonacheirena. Tudo para ela corre bem, está bom. “Deixa o marfim correr!” é o lema de mme. Essa pasmeira é que faz a sua gordura, e ela, que era tão elegante, hoje está naquele estado.

O marido, que tem o gênio igual ao seu, em vão lhe recomenda:

— Não se lamente por isso, querida! Não seja vaidosa! A sua gordura é saúde! Por que tanta vontade de emagrecer! Você adoece, isso sim! Eu gosto de você tanto com 50 como com 100 quilos...

Afinal, o professor descobrira tudo: era o seu gênio, o seu gênio boníssimo! E prescreveu a mme. que mudasse de gênio, saísse de sua apatia, procurasse excitar-se, ficar nervosa, mesmo. Era preciso por os nervos em vibração!

Se o professor o disse, melhor o fez a cliente. Hoje tudo mudou em sua casa. Aquela mansão remansosa virou um pandemônio. Mal amanhece o dia, começam os gritos de mme. Descabelada, ela se enfurece à toa, tem crises de nervos, exaspera-se.

O pior é que a vítima é o marido. Contra ele a vibração dos nervos de mme. Tudo que ele faz está errado. Ele virou “burro”, é um palerma, não estima a mulher, não cuida da casa, é um rabo-de-saia incorrigível...

Tudo isso ele é agora, no entender de mme., na cólera de sua esposa transformada! Ele, que era um santo, que era o modelo dos maridos!

A consequência é esta: quem está emagrecendo vertiginosamente com a receita do professor não é mme. — é o pobre marido...

GAROTADA *de*

Direção de
ZORA DE MENEZES

O garotinho, detrás da vidraça, achata o nariz no vidro para ver a rua. Mas da rua ele não pode ver nada: a chuva grossa que cai é uma cortina tapando a janela. Há quanto tempo já durava esta chuva-rada? Parecia até que o sol se havia apagado...

E se o sol se apagasse mesmo e não aparecesse mais? Será que ia continua a chover assim, sem parar um minuto?

A vovó disse ontem que a chuva vem do céu. Quando chove é um pedacinho do céu que derreteu e caiu. E se a chuva não parar o céu se derrete todo e... Mas isto é bobagem: amanhã mesmo o sol há de aparecer e ele vai poder sair de casa.

Tomara que ele possa sair: vai chegar outro carro, cheio de soldados que voltam da guerra.

Guerra... O que é guerra, mesmo? Tonico disse que guerra é briga: os homens ficam escondidos, dando tiros uns nos outros. Mas se eles ficassem mesmo bem escondidos, não voltariam machucados. E todo carro branco que chegava não vinha trazendo rapazes cobertos de ataduras?

E'... a guerra era uma coisa que machucava muito, que cortava braços e pernas. Isso sim...

E tomara que amanhã não chova: ele quer tanto ir esperar os feridos...

E no dia seguinte não choveu mesmo. Um solzinho fraco apa-

receu entre as nuvens escassas, querendo enxugar a cidadezinha encharcada.

Cedinho a gurizada pulou para a rua. Pouco a pouco, foi-se ajuntando nas esquinas. Aque-la quarta-feira estava há muito marcada: chegariam os feridos.

Lá pelas 10 horas, a cidade era toda uma expectativa.

Já chegou? Já chegou? perguntavam de minuto a minuto das janelas, aos que passavam na rua.

A ambulância passou a ponte...

Está subindo o morro...

Olhe, olhe lá... e homens, mulheres e crianças precipitam-se para a frente.

A mesma coisa de sempre. O médico, nervoso, pedindo que se afastem. Os pobres feridos enfaixados, ansiosos por uma cama limpa no hospital.

A gurizada olhos estatelados, forma a linha de frente. Por nada no mundo um guri daqueles cederia o seu lugar.

A maioria não compreende direito o que é aquilo.

E' a guerra, voltam da guerra, repetem uns para os outros.

O nosso guri da janela também lá está. Um dos feridos, ao passar, deu-lhe uma pancadinha na cabeça. Isto o elevou no conceito dos companheiros, que agora consideram a sua cabeça como alguma coisa muito especial.

Os feridos acabam de descer, o carro branco roda, todos se dispersam. A gurizada vai andando junta.

— "Você viu, Tonico, aquele soldado de farda verde, barba grande? Ele não tinha as duas pernas"...

Sim, o Tonico viu mas nem quer se lembrar. O soldado estava tão triste...

— "Mas aquele de muleta? Até que ele estava bem alegre. Riu para mim e disse que isto aqui é um paraíso, depois da guerra".

— "Eu só queria vêr como é esta guerra"...

— "Ora, seu bobo, guerra é briga, é tiro, é perder perna. E você quer ficar sem perna, Tico?"

Tico estremeceu só em pensar. Ele compreende o que é brigar: pois ele mesmo já não brigou tantas vezes? Mas brigar até ficar sem braço e perna... Isto é duro de entender...

Mas os dias tornam a correr e a criançada vai esquecendo a guerra. Volta aos seus brinquedos: a água do lago anda muito boa para um mergulho, os peixes resolveram engulir as minhocas dos anzóis.

Um a um, os dias calmos vão passando até que em uma tarde, a turminha parou em frente a uma vitrina cheia de brinquedos.

Quanto carro, quanta bola, quanta maravilha... E para que isso? E' o Natal que vem vindo, o Papai Noel que vai chegar.

Como se tinham esquecido disto? E os projetos, os dese-



Minas Tenis

jos, vão aparecendo na mesma hora.

O Tico também lá está. A boquinha aberta, os olhinhos vivos, o rostinho maravilhado, ele continua o mais ardente desejo de toda a sua vidinha de 9 anos: um velocípede um velocípede vermelho, de 3 rodas, campainha brilhante...

E o Tico se vê pedalando, pedalando no passeio defronte à sua casa, tocando a campainha para abrir caminho...

E à noite, sentado na mesa do jantar, com o papai, a mamãe, a vovó, o Tico conta o seu desejo, o pedido que irá fazer ao Papai Noel. Tem certeza de que será atendido. Tem certeza...

Papai, mamãe escutam a conversa alegre do Tico mas não dizem nada.

Tico, por fim percebe o silêncio, vê que ninguém ri, ninguém o aprova.

Mas, então ele não pode pedir isto ao Papai Noel?

E a carinha alegre é toda uma decepção...

Os olhinhos ainda brilham porque duas lágrimas teimam em aparecer...

— “Olhe, filhinho”, explica o papai em voz baixa numa voz que não é a dele. “É melhor você pedir outra coisa ao Papai Noel. Um brinquedo menorzinho, porque o velocípede é grande, é caro, e este ano Papai Noel não vai poder trazer brinquedos grandes por causa da guerra, filhinho. Ela vai, este ano, atrapalhar muito o Papai Noel.

Mas para o ano que vem,

quem sabe? Papai Noel talvez já esteja livre da guerra e então...” conclui, querendo animar o rostinho desiludido à sua frente.

Mas Tico não ouve, não vê nada. Levanta devagarinho e vai para o quarto.

Quer pensar... pensa muito... Guerra... os feridos de guerra... Quase não se lembra mais deles: todos tristes, machucados, muito sem pernas, andando de muleta...

Fôra a guerra que os fizera ficar assim.

Ela agora não ia deixar Papai Noel trazer o seu velocípede. Tinha de pedir um brinquedo à toa, um carrinho...

Então a guerra era isto? Ficar sem perna e sem velocípede?

Tico olhou para fora da janela e viu as estrelinhas lá em cima, alegres, brincando de pisca-pisca. E teve então o desejo maior de sua vida, maior ainda do que o de ganhar o velocípede de 3 rodas, campainha brilhante...

E do fundo do seu coraçãozinho subiu até o céu, até o Papai Noel querido, o seu pedido de Natal: ele não queria brinquedo nenhum. Nem ficaria triste por causa do velocípede. Ele só queria, ele só pedia ao Papai Noel que pusesse nos corações dos homens o desejo de nunca mais brigarem, para que também nunca mais houvesse guerra...

Descrição de um quadro

Embarcações a vela, singrando nos mares, velozmente, chegam a uma terra desconhecida.

E que linda terra! Árvores frondosas e verdes, cobertas de parasitas, pássaros das mais variadas cores e plumagens, que cantam maravilhosamente; flores exóticas e vistosas!...

E, sobretudo, uns entes desconhecidos, fortes, bronzeados, cabelos pretos e muito lisos; quase nus, enfeitados com penas de cores brilhantes e, muitas vezes, com o corpo pintado de preto e vermelho.

Ao longe, palmeiras farfalham graciosamente à brisa que passa, dando um que de estranho, selvagem e encantador à terra recém-descoberta.

Maravilhoso lugar!... Paraíso na terra!

Os selvagens, talvez, preparam sua nau e pisa na areia úmida mirante, para contê-los, desce de sua nau e pisa na areia úmida da praia, distribuindo bugigangas, como colares, panos e papéis de cor e muitas outras coisas vistosas, que seduzem os nativos.

Mas... que terra é esta? E' preciso dar-lhe um nome.

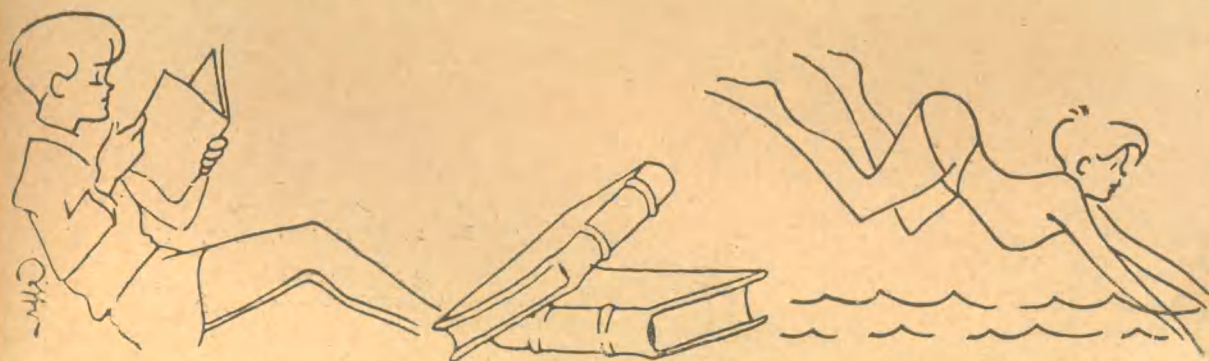
Eis que a noite lhes dá uma sugestão: dentre o céu polvilhado de estrelas destacam-se quatro estrelas de intenso fulgor, estendidas em forma de cruz...

Aquêle símbolo de fé e de amor fez o almirante batizar a nova terra como “Terra de Santa Cruz”...

Era um nome bonito e que assestavava muito bem àquela natureza virgem.

Ivana Versiani Rabelo.

Continua noutro local —



Batendo o Gongô



J. J. — Capital — O sr. desejou fazer uma crônica de Natal e saiu-lhe uma crônica de Sexta-feira Santa. O Natal é jubilo, os homens estão alegres, a humanidade enche-se de esperanças. Só nos lembramos de Jesus-Menino. E o senhor com pequenas modificações, lembra a Cruz, o martírio de Cristo, o Jardim das Oliveras, o Gólgota. Tenha paciência, sr. J. J., mas o senhor, positivamente, está errado. Mas, como se acha regularmente bem escrito o seu trabalho, vamos mudar-lhe o título e guardá-lo para o publicarmos em nosso número da Semana Santa.

Mlle. Y. — Av. Getúlio Vargas, Capital — Recebemos o seu conto e, infelizmente, não o publicaremos. Vê-se claramente que não se trata de um conto, ao contrário do que Mlle. nos quer fazer acreditar. E' a reprodução crua, real, exata, do que se passou com uma família local, moradora da própria Avenida em que reside Mlle. Provavelmente são desafetos seus, e Mlle. deseja tirar o seu desfôço, deliciar-se com a publicidade das desventuras alheias. Os nomes dos personagens são os nomes autênticos, com pequenas modificações. "Minas Tenis" não se presta a êsse feio papel de veículo de intrigas e perfidias. Mlle. procure outros meios. Bateu em porta errada. No entanto, se fôsse me mo um conto, ficção, irreabilidade seria interessantíssimo, um verdadeiro primor no gênero.

LÊN DINAR, Capital — Bons olhos o vejam, sr. Dinar! E' a segunda vez que o senhor nos aparece cá por casa. Mas não

melhorou nada, é o mesmo poeta de água doce, com os mesmos versos de pé quebrado que conhecemos em nosso número de maio. Da outra vez, o senhor estava lírico, romântico, derretido; agora está violento, pessimista, querendo liquidar tôdas as mulheres. Piorou muito, sr. Lêu Dinar...

Veja as suas más intenções:

"Que importa se tu não me queres?
Que importa a tua ingratidão imensa?
Destruirei tôdas as mulheres
Com o veneno da minha indiferença."

Publicamos aqui esta quadra da poesia do sr. Lêu Dinar, afim de que tôdas as mulheres fiquem devidamente prevenidas.

Homero, o Caôlho.

*Artigos finos
para cavalheiros*

Camisaria Quina

*Av. Afonso Pena, 522
Belo Horizonte*

Gosto não se compra... Cultiva-se!



★ Na música os espíritos que sentem verdadeiramente, encontram o bálsamo para o seu enleio. Você que pensa, que vive, que ama, procure êsse bálsamo na Esfinge, que possui um milhão de melodias para você.



AV. AF. PENA, 526 - ED. MARIANA - 1º AND. LOJA H - FONE 2-1552

*Cumprimentos no
alvorecer de 1945*

BANCO MINEIRO DA PRODUÇÃO S/A